



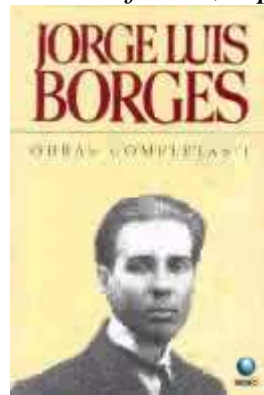
HISTÓRIA UNIVERSAL
DA INFÂMIA

JORGE LUIS
BORGES



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Este livro: Historia Universal da Infâmia, é parte integrante da coleção:



JORGE LUIS BORGES – OBRAS COMPLETAS
VOLUME 1

1923-1949

Título do original em espanhol: Jorge Luis Borges – Obras Completas
98-3272

Copyright ©1998 by Maria Kodama Copyright ©1998 das traduções by Editora Globo S.A.

1ª Reimpressão-9/98 2ª Reimpressão-1/99 3ª Reimpressão – 12/99

Edição baseada em Jorge Luis Borges – Obras Completas,
publicada por Emecé Editores S.A., 1989, Barcelona – Espanha.

Coordenação editorial: Carlos V. Frías

Capa: Joseph Llback / Emecé Editores

Ilustração: Alberto Ciupiak

Coordenação editorial da edição brasileira: Eliana Sá

Assessoria editorial: Jorge Schwartz

Preparação de textos: Maria Carolina de Araújo

Revisão de textos: Flávio Martins, Levon Yacubian,

Luciana Vieira Alves e Márcia Menin

Projeto gráfico: Alves e Miranda Editorial Ltda.

Fotolitos: GraphBox

Agradecimentos a Antonio Fernández Ferrer, Maite Celada, Ana Cecilia Olmos,

Blas Matamoro, Fernando Paixão, Daniel Samoilovich e Michel Sleiman

Agradecimentos especiais a Élide Lois

Direitos mundiais em língua portuguesa, para o Brasil, cedidos à

EDITORA GLOBO S.A.

Avenida Jaguaré, 1485

CEP 05346-902 – Tel.: 3767-7000, São Paulo, SP

E-mail: atendimento@edglobo.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Impressão e acabamento:

Gráfica Círculo

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte – Câmara Brasileira do Livro, SP
Borges, Jorge Luis, 1899-1986.

Obras completas de Jorge Luis Borges_ volume 1 / Jorge Luis Borges. – São Paulo : Globo, 1999.

Título original: Obras completas Jorge Luis Borges.

Vários tradutores.

V. 1. 1923-1949 / v. 2. 1952-1972 / v. 3. 1975-1985 / v. 4. 1975-1988 ISBN 85-250-2877-O (v. 1) / ISBN 85-250-2878-9 (v. 2) ISBN 85-250-2879-7 (v. 3) / ISBN 85-250-2880-O (v. 4.)

1. Ficção argentina 1. Título.
Índices para catálogo sistemático

1. Ficção : Século 20 : Literatura argentina ar863.4

2. Século 20 : Ficção : Literatura argentina ar863.4
CDD-ar863.4

HISTÓRIA UNIVERSAL DA INFÂMIA

Historia Universal de Ia Infamia

Tradução de Alexandre Eulálio

Revisão de tradução: Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz

• ÍNDICE

- PRÓLOGO DA PRIMERA EDIÇÃO
- PRÓLOGO DA EDIÇÃO DE 1954
- HISTORIA UNIVERSAL DA INFÂMIA
- O ATROZ REDENTOR LAZARUS MORELL
- O IMPOSTOR INVEROSSÍMIL TOM CASTRO
- A VIÚVA CHING, PIRATA
- O PROVIDOR DE INIQUIDADES MONK EASTMAN
- O ASSASSINO DESINTERESSADO BILL HARRIGAN
- O INCIVIL MESTRE-DE-CERIMÔNIAS KOTSUKÉ NO SUKÉ
- O TINTUREIRO MASCARADO HAKIM DE MERV
- HOMEM DA ESQUINA ROSADA

ETCÉTERA:

- UM TEÓLOGO NA MORTE
- A CÂMARA DAS ESTÁTUAS
- HISTÓRIA DOS DOIS QUE SONHARAM
- O BRUXO PRETERIDO
- O ESPELHO DE TINTA
- UM DUPLO DE MAOMÉ
- ÍNDICE DAS FONTES

PRÓLOGO À PRIMEIRA EDIÇÃO 1935

Os exercícios de prosa narrativa que integram este livro foram elaborados de 1933 a 1934. Derivam, creio, de minhas releituras de Stevenson e Chesterton e também dos primeiros filmes de Von Stenberg e talvez de certa biografia de Evaristo Carriego. Abusam de alguns procedimentos: as enumerações díspares, a brusca solução de continuidade, a redução da vida inteira de um homem a duas ou três cenas. (Esse propósito visual rege também o conto "Homem da esquina rosada") Não são, não tratam de ser, psicológicos.

Quanto aos exemplos de magia que encerram o volume, não tenho outro direito sobre eles que os de tradutor e leitor. Às vezes creio que os bons leitores são cisnes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores. Ninguém me negará que as obras atribuídas por Valéry a seu mais-que-perfeito Edmond Teste valem notoriamente menos que as de sua esposa e amigos.

Ler, entretanto, é uma atividade posterior à de escrever: mais resignada, mais civil, mais intelectual.

J. L. B.
Buenos Aires, 27 de maio de 1935.

PRÓLOGO À EDIÇÃO DE 1954

Eu diria que barroco é aquele estilo que deliberadamente esgota (ou pretende esgotar) suas possibilidades, e que confina com a própria caricatura. Em vão quis arremedar Andrew Lang, por volta de mil oitocentos e tantos, a *Odisséia* de Pope; a obra já era sua paródia e o parodista não pôde exagerar a tensão. Barroco (Batuco) é o nome de um dos modos do silogismo; o século XVIII aplicou-o a determinados abusos da arquitetura e da pintura do XVII; eu diria que é barroca a etapa final de toda arte, quando esta exhibe e dilapida seus meios. O barroquismo é intelectual e Bernard Shaw declarou que todo trabalho intelectual é humorístico. Este humorismo é involuntário na obra de Baltasar Gracián; voluntário ou consentido, na obra de John Donne.

Já o excessivo título destas páginas proclama sua natureza barroca. Atenuá-las teria equivalido a destruí-las; por isto prefiro, desta vez, invocar a sentença *quod scripsi, scripsi* (João 19, 22) e reimprimi-las, ao cabo de vinte anos, tal e qual. São a irresponsável brincadeira de um tímido que não se animou a escrever contos e que se distraiu em falsear e tergiversar (sem justificativa estética, vez ou outra) alheias histórias. Desses ambíguos exercícios passou à trabalhosa composição de um conto direto – "Homem da esquina rosada" – que assinou com o nome de um avô de seus avós, Francisco Bustos, e que conseguiu êxito singular e um pouco misterioso.

Em seu texto, que é de entonação suburbana, vai-se notar que intercalei algumas palavras cultas: vísceras, conversões, etc. Assim o fiz porque o compadre aspira a finura, ou (esta razão exclui a outra, mas é quiçá a verdadeira) porque os compadres são indivíduos e não falam sempre como o Compadre, que é figura platônica.

Os doutores do Grão-Veículo ensinam que o essencial do universo é o vazio. Têm plena razão no que se refere à parte mínima do universo que é este livro. Patíbulos e piratas o povoam e a palavra infâmia aturde no título, mas sob o tumulto não há nada. Não é mais que aparência, que uma superfície de imagens; por isso mesmo possa talvez agradar. O homem que o elaborou era assaz infeliz, mas se entreteve escrevendo-o; oxalá algum reflexo daquele prazer chegue aos leitores.

Na seção "Etcétera" incorporei três obras novas.

J. L. B.

I inscribe this book to S.D.: English, innumerable and an Angel. Also: I offer her that kernel of myself that I have saved, somehow — the central heart that deals not in words, traffics not with dreams and is untouched by time, by joy, by adversities.

HISTÓRIA UNIVERSAL DA INFAMIA

O ATROZ REDENTOR LAZARUS MORELL

A CAUSA REMOTA

Em 1517, o padre Bartolomé de las Casas compadeceu-se dos índios que se extenuavam nos laboriosos infernos das minas de ouro antilhanas, e propôs ao imperador Carlos V a importação de negros, que se extenuassem nos laboriosos infernos das minas de ouro antilhanas. A essa curiosa variação de um filantropo devemos infinitos fatos: os *blues* de Handy, o sucesso alcançado em Paris pelo pintor-doutor uruguaio D. Pedro Figari, a boa prosa agreste do também oriental D. Vicente Rossi, a dimensão mitológica de Abraham Lincoln, os quinhentos mil mortos da Guerra da Secessão, os três mil e trezentos milhões gastos em pensões militares, a estátua do imaginário Falucho, a admissão do verbo linchar na décima terceira edição do Dicionário da Academia Espanhola, o impetuoso filme Aleluya, a fornida carga de baionetas levada por Soler à frente de seus *Pardos y Morenos* em Cerrito, a graça da senhorita de Tal, o negro que assassinou Martín Fierro, a deplorável rumba *El Manisero*, o napoleonismo embargado e encarcerado de Toussaint Louverture, a cruz e a serpente no Haiti, o sangue das cabras degoladas pelo machado dos *papaloi*, a habanera mãe do tango, o candombe.

Além disso: a culpável e magnífica existência do atroz redentor Lazarus Morell.

O LUGAR

O Pai das Águas, o Mississipi, o rio mais extenso do mundo, foi o digno teatro desse incomparável canalha. (Álvarez de Pineda o descobriu e seu primeiro explorador foi o capitão Hernando de Soto, antigo conquistador do Peru, que distraiu os meses de prisão do Inca Atahualpa ensinando-lhe o jogo de xadrez. Morreu, e lhe deram como sepultura as suas águas.)

O Mississipi é rio de peito largo; é um infinito e obscuro irmão do Paraná, do Uruguai, do Amazonas e do Orinoco. É um rio de águas mulatas; mais de quatrocentos milhões de toneladas de lama insultam anualmente o golfo do México, descarregadas por ele. Tanto lixo venerável e antigo construiu um delta, onde os gigantescos ciprestes dos pântanos crescem sobre os despojos de um continente em perpétua dissolução, e onde labirintos de barro, de peixes mortos, de juncos, dilatam as fronteiras e a paz de seu fétido império. Mais acima, na altura do Arkansas e do Ohio, também se alongam as terras baixas. Habita-as uma estirpe amarelenta de homens esqueléticos, propensos à febre, que olham com avidez as pedras e o ferro, porque entre eles não há outra coisa senão areia e madeira e água turva.

OS HOMENS

Em princípios do século XIX (a data que nos interessa), as vastas plantações de algodão que havia nas margens eram trabalhadas por negros, de sol a sol. Dormiam em cabanas de madeira, sobre o chão de terra. Fora da relação mãe-filho, os parentescos eram convencionais e obscuros. Nomes tinham, mas podiam prescindir dos sobrenomes. Não sabiam ler. Sua enternecida voz de falsete cantava num inglês de vogais lentas. Trabalhavam em filas, curvados sob o rebenque do capataz. Fugiam, e homens de barba saltavam sobre cavalos de raça, e fortes cães de caça os rastreavam.

A um sedimento de esperanças bestiais e medos africanos haviam agregado as palavras da Escritura: sua fé por conseguinte era a de Cristo. Cantavam concentrados e em grupos: *Go down Moses*. O Mississipi servia-lhes de magnífica imagem do sórdido Jordão.

Os proprietários dessa terra trabalhadora e dessas levas de negros eram ociosos e ávidos senhores de melena. Habitavam imensos casarões voltados

para o rio – sempre com um pórtico pseudogrego de pinho branca Um bom escravo custava-lhes mil dólares e não durava muito. Alguns cometiam a ingratidão de adoecer e morrer. Devia-se tirar dessas incertas criaturas o maior rendimento. Por isso conservavam-nos nos campos desde o primeiro sol até o último; por isso exigiam das terras colheita anual de algodão, ou fumo, ou açúcar. A terra, fatigada e manuseada por essa cultura impaciente, ficava em poucos anos exausta: o deserto confuso e enlodaçado enfiava-se pelas plantações. Nas chácaras abandonadas, nos subúrbios, nos canaviais estreitos e nos abjetos lodaçais, viviam os *poor whites*, a canalha branca. Eram pescadores, vagos caçadores, ladrões de cavalo. Costumavam mendigar pedaços de comida roubada aos negros e mantinham em sua prostração um orgulho: o do sangue sem tisne, sem mescla. Lazarus Morell foi um deles.

O HOMEM

Os daguerreótipos de Morell, que costumam publicar as revistas americanas, não são autênticos. Essa carência de genuínas efígies de homem tão memorável e famoso não deve ser casual. E verossímil supor que Morell se tenha negado à placa polida; essencialmente para não deixar inúteis rastros e, de passagem, para alimentar seu mistério... Sabemos contudo que não foi favorecido quando jovem e os olhos demasiado próximos e os lábios finos não predisunham a seu favor. Os anos, porém, conferiram-lhe essa peculiar majestade que têm os canalhas encanecidos, os facínoras venturosos e impunes. Era um antigo cavalheiro do Sul, apesar da infância miserável e da vida afrontosa. Não desconhecia as Escrituras e pregava com singular convicção. "Eu vi Lazarus Morell no púlpito " – anota o dono de uma casa de jogo em *Baton Rouge, Louisiana* – "e escutei suas palavras edificantes e vi lágrimas acudirem a seus olhos. Sabia que era adúltero, ladrão de negros e assassino perante o Senhor, mas também meus olhos choraram."

Outro bom testemunho dessas efusões sagradas é o que subministra o próprio Morell. "Abri ao acaso a Bíblia, dei com um conveniente versículo de São Paulo e preguei uma hora e vinte minutos. Tampouco desperdiçaram esse tempo Crenshaw e os companheiros, porque levaram com eles todos os cavalos do auditório. Nós os vendemos no Estado de Arkansas, a não ser um baio muito brioso que reservei para meu uso particular. Agradava também a Crenshaw, mas eu fiz ver a ele que não lhe servia."

O MÉTODO

Os cavalos roubados em um Estado e vendidos em outro foram apenas uma digressão na carreira delinqüente de Morell, porém prefiguraram o método que agora lhe assegura seu lugar privilegiado em uma História Universal da Infâmia. Esse método é único, não só pelas circunstâncias *sui generis* que o determinaram, como também pela abjeção que requer, pelo fatal manejo da esperança e pelo desenvolvimento gradual, semelhante à atroz evolução de um pesadelo. Al Capone e Bugs Moran operam com ilustres capitais e com metralhadoras servis numa grande cidade, porém seu negócio é vulgar. Disputam-se um monopólio, e isso é tudo... Quanto a número de homens, Morell chegou a comandar uns mil, todos juramentados. Duzentos integravam o Alto Conselho, e este promulgava as ordens que os restantes oitocentos cumpriam. O risco recaía nos subalternos. Em caso de rebelião, eram entregues à Justiça ou arrojados à correnteza do rio de águas pesadas, com uma pedra presa nos pés. Eram, com freqüência, mulatos. Sua facinorosa missão era a seguinte:

Percorriam – com algum momentâneo luxo de anéis, para inspirar respeito – as vastas plantações do Sul. Escolhiam um negro infeliz e propunham-lhe a liberdade. Diziam-lhe que fugisse de seu senhor, para ser vendido por eles uma segunda vez, em alguma propriedade distante. Dar-lhe-iam então uma percentagem do preço de sua venda e lhe facultariam a próxima evasão. Iriam conduzi-lo, afinal, a um Estado abolicionista. Dinheiro e liberdade, dólares de prata bem sonantes e liberdade, que maior tentação podiam oferecer-lhes? O escravo atrevia-se a sua primeira fuga.

O caminho natural era o rio. Uma canoa, o porão de um vapor, uma barcaça, uma balsa grande como o céu, tendo na extremidade uma cabana ou tendas de lona muito altas; o lugar não importava, importava apenas saber-se em movimento e seguro sobre o infatigável rio... Vendiam-no em outra plantação. Fugia outra vez para os canaviais ou barrancos. Então, os terríveis benfeitores (dos quais já começava a desconfiar) aduziam gastos obscuros e declaravam que tinham de vendê-lo uma última vez. Ao regressar dariam a ele a percentagem das duas vendas e a liberdade. O homem deixava-se vender, trabalhava algum tempo e desafiava na última fuga o risco dos cães de caça e dos açoites. Regressava com sangue, com suor, com desespero e com sono.

A LIBERDADE FINAL

Falta considerar o aspecto jurídico desses fatos. O negro não era posto à venda pelos sicários de Morell antes que o dono primitivo houvesse denunciado sua fuga e oferecido uma recompensa a quem o encontrasse. Quem quer que fosse podia então retê-lo, de modo que sua venda posterior era abuso de confiança, não roubo. Recorrer à justiça civil era gasto inútil, porque os danos não eram pagos nunca.

Tudo isso era muito tranquilizador, mas não para sempre. O negro podia falar; o negro, de puro agradecimento ou infelicidade, era capaz de falar. Umas rodadas de uísque de centeio no prostíbulo de El Cairo, Illinois, onde o filho de uma cadela nascido escravo iria malgastar o dinheiro que eles não lhe tinham de dar, e transpirava o segredo. Nesses anos um Partido Abolicionista agitava o Norte, uma turba de loucos perigosos que negavam a propriedade e pregavam a liberdade dos negros, incitando-os a fugir. Morell não ia deixar-se confundir por tais anarquistas. Não era um yankee, era um homem branco do Sul, filho e neto de brancos, e esperava retirar-se dos negócios e ser um cavalheiro, com léguas de algodoal e as curvadas filas de escravos. Com sua experiência, não estava para riscos inúteis.

O tráfuga esperava a liberdade. Então os mulatos nebulosos de Lazarus Morell transmitiam entre si uma ordem que podia não passar de uma senha e o livravam da vista, do ouvido, do tato, do dia, da infâmia, do tempo, dos benfeitores, da misericórdia, do ar, dos cachorros, do universo, da esperança, do suor e dele mesmo. Um balaço, uma punhalada baixa ou um golpe, e as tartarugas e pargos do Mississippi recebiam a última informação.

A CATÁSTROFE

Servido por homens de confiança, o negócio tinha de prosperar. Em princípios de 1834, uns setenta negros já tinham sido "emancipados" por Morell, e outros dispunham-se a seguir esses precursores ditosos. A zona de operações sendo maior, era necessário admitir afiliados. Entre os que prestaram juramento havia um rapaz, Virgil Stewart, de Arkansas, que se destacou desde logo pela crueldade. Era ele sobrinho de um fazendeiro que perdera muitos escravos. Em agosto de 1834, rompeu seu juramento e

delatou Morell e os outros. A casa de Morell em Nova Orleans foi cercada pela Justiça. Morell, por imprevisão ou suborno, pôde escapar.

Três dias passaram. Morell esteve escondido esse tempo numa casa antiga, de pátios com trepadeiras e estátuas, na rua Toulouse. Parece que se alimentava pouco e ficava a passear descalço pelos grandes dormitórios escuros, fumando pensativos cigarros. Por um escravo da casa remeteu duas cartas à cidade de Natchez e outra a Red River. No quarto dia entraram na casa três homens que com ele ficaram discutindo até amanhecer. No quinto, Morell levantou-se quando escurecia e pediu uma navalha e fez cuidadosamente a barba. Vestiu-se e saiu. Atravessou com lenta serenidade os bairros do Norte. Já em pleno campo, costeando as terras baixas do Mississippi, andou mais depressa.

Seu plano era de uma coragem bêbada. Pensava aproveitar os últimos homens que ainda lhe prestavam reverência: os serviçais negros do Sul. Estes haviam visto fugir seus companheiros e não os haviam visto voltar. Acreditavam, portanto, em sua liberdade. O plano de Morell era o de uma sublevação total dos negros, a tomada e o saque de Nova Orleans e a ocupação de seu território. Morell, caído e quase desfeito pela traição, meditava uma resposta continental: uma resposta em que o criminoso se exaltava até a redenção e a história. Dirigiu-se com esse fim a Natchez, onde estava mais enraizada sua força. Copio sua narração dessa viagem:

"Caminhei quatro dias antes de conseguir um cavalo. No quinto, descansei próximo a um riacho para abastecer-me de água e sestar. Estava sentado num tronco, olhando o caminho percorrido até então, quando vi aproximar-se um cavaleiro numa montaria escura de bom aspecto. Assim que o vi, determinei tomar-lhe o cavalo. Pus-me de pé, apontei em sua direção uma bela pistola de tambor e dei-lhe ordem para apear. Assim o fez, e tomando na canhota as rédeas, mostrei-lhe o riacho e ordenei que caminhasse adiante. Andou umas duzentas varas e se deteve. Ordenei que se despisse. Então me disse: "Já que está resolvido a me matar, deixe-me rezar antes de morrer". Respondi que não tinha tempo de ouvir suas orações. Caiu de joelhos e lhe disparei um balaço na nuca. Abri-lhe o ventre com um talho, arranquei-lhe as vísceras e afundei-o no riacho. Em seguida, revistei-lhe os bolsos e encontrei quatrocentos dólares e trinta e sete centavos e uma quantidade de papéis que não me demorei lendo. As botas eram novas em folha e me serviam. As minhas, que estavam muito gastas, joguei-as no riacho.

"Assim obtive o cavalo de que precisava para entrar em Natchez."

A INTERRUPÇÃO

Morell capitaneando bandos de negros que sonhavam enforcá-lo, Morell enforcado por exércitos negros que sonhava capitanear – sinto confessar que a história do Mississippi não aproveitou essas oportunidades suntuosas. Contrariamente a toda justiça poética (ou simetria poética), tampouco o rio de seus crimes foi sua tumba. A dois de janeiro de 1835, Lazarus Morell faleceu de congestão pulmonar no hospital de Natchez, onde se fizera internar com o nome de Silas Buckley. Um companheiro da enfermaria geral reconheceu-o. A dois e a quatro quiseram sublevar-se os escravos de certas plantações, mas foram reprimidos sem maior efusão de sangue.

O IMPOSTOR INVEROSSÍMIL TOM CASTRO

Dou-lhe esse nome porque com esse nome o conheceram pelas ruas e casas de Talcahuano, de Santiago do Chile e de Valparaíso, por volta de 1850, e é justo que o assumo outra vez, agora que retorna a estas terras – ainda que na qualidade de mero fantasma e de passatempo de sábado.¹ O registro civil de Wapping chama-o Arthur Orton e o inscreve na data de 7 de junho de 1834. Sabemos que era filho de um açougueiro, que sua infância conheceu a miséria insípida dos bairros pobres de Londres e que sentiu o chamado do mar. O fato não é insólito. *Run away to sea*, fugir para o mar, é a tradicional e britânica ruptura da autoridade paterna, a iniciação heróica. A geografia recomenda-a, e também a Escritura (Salmos, 106): "Os que

descem em barcos ao mar, os que comerciam nas grandes águas, esses vêem as obras de Deus e suas maravilhas no abismo". Orton fugiu de seu deplorável subúrbio de fuliginoso rosa e foi ao mar num navio e contemplou com habitual decepção o Cruzeiro do Sul, e desertou no porto de Valparaíso. Era uma pessoa de sossegada idiotia. Logicamente poderia (e deveria) ter morrido de fome, mas sua confusa jovialidade, seu permanente sorriso e sua mansidão infinita conciliaram-lhe o favor de certa família Castro, cujo nome adotou. Desse episódio sul-americano não restam pegadas, mas sua gratidão não decaiu, posto que em 1861 reaparece na Austrália sempre com esse nome, Tom Castro. Em Sidney conheceu um tal Bogle, criado negro. Bogle, sem ser bonito, tinha esse ar repousado e monumental, essa solidez meio de obra de engenharia, própria do homem de cor entrado em anos, em carnes e em autoridade. Tinha uma segunda condição, que determinados manuais de etnologia negam a sua raça: a ocorrência genial. Logo veremos a prova. Era um varão morigerado e decente, com os antigos apetites africanos muito corrigidos pelo uso e abuso do calvinismo. Excetuando-se a visita do deus (que descreveremos depois), era absolutamente normal, sem outra irregularidade que um pudico e vasto terror que o detinha nas esquinas, receando a leste, oeste, sul e norte, o violento veículo que daria fim a seus dias.

¹ Esta metáfora serve-me para lembrar ao leitor que as presentes biografias infames apareceram no suplemento de sábado de um vespertino.

Orton viu-o um entardecer numa desmantelada esquina de Sidney criando coragem para sortear a imaginária morte. Depois de fixá-lo longamente, ofereceu-lhe o braço e ambos atravessaram assombrados a rua inofensiva. Desde esse instante de um entardecer já defunto, estabeleceu-se um protetorado: o do negro inseguro e monumental sobre o obeso imbecil de Wapping. Em setembro de 1865, ambos leram num jornal local um desconsolado anúncio.

O IDOLATRADO HOMEM MORTO

Nos últimos dias de abril de 1854 (no tempo em que Orton provocava as efusões da hospitalidade chilena, ampla como seus pátios), naufragou nas costas do Atlântico o vapor *Mermaid*, procedente do Rio de Janeiro, rumo a Liverpool. Entre os que pereceram estava Roger Charles Tichborne, militar inglês criado na França, morgado de uma das principais famílias católicas cia

Inglaterra. Parece inverossímil, mas a morte desse jovem afrancesado, que falava inglês com o mais fino sotaque de Paris e despertava esse incomparável rancor que só causam a inteligência, a graça e a pedanteria francesas, foi um acontecimento transcendental no destino de Orton, que jamais o vira. Lady Tichborne, a horrorizada mãe de Roger, recusou-se a acreditar na morte dele e publicou desconsolados anúncios nos periódicos de mais ampla circulação. Um desses anúncios caiu nas macias mãos funerárias do negro Bogle, que concebeu um projeto genial.

AS VIRTUDES DA DISPARIDADE

Tichborne era um esbelto cavalheiro de ar retraído, traços agudos, tez morena, cabelo negro muito liso, os olhos vivos e a palavra de uma precisão já incômoda. Orton era um exuberante tosco, de vasto abdômen, traços de infinita vagueia, cútis puxando para o sardento, cabelo encaracolado castanho, olhos entorpecidos, e conversação ausente e apagada. Bogle inventou que o dever de Orton era embarcar no primeiro vapor para a Europa e satisfazer a esperança de Lady Tichborne, declarando ser seu filho. O projeto era de insensata perspicácia. Proponho um fácil exemplo. Se algum impostor em 1914 tivesse pretendido passar-se pelo Imperador da Alemanha, as primeiras coisas que pensaria falsificar teriam sido os bigodes ascendentes, o braço morto, o cenho autoritário, a capa cinza, o ilustre peito condecorado e o alto elmo. Bogle era mais sutil: teria apresentado um *Kaiser* glabro, alheio a atributos militares e águias honrosas, o braço esquerdo em indubitável estado de saúde. Não necessitamos de metáfora; consta-nos que apresentou um Tichborne balofo, com sorriso amável de imbecil, cabelo castanho e uma inalterável ignorância do idioma francês. Bogle sabia que um fac-símile perfeito do desejado Roger Charles Tichborne era de impossível obtenção. Sabia também que todas as similitudes conseguidas não fariam outra coisa senão destacar certas diferenças inevitáveis. Renunciou, pois, a toda semelhança. Intuiu que a enorme inépcia da pretensão seria uma convincente prova de que não se tratava de uma fraude, que jamais alguém ousaria descobrir desse modo flagrante os mais simples traços convincentes. Não se pode esquecer também a colaboração todo-poderosa do tempo: catorze anos de hemisfério austral e de acaso podem mudar um homem.

Outra razão fundamental: os repetidos e insensatos anúncios de Lady Tichborne demonstravam sua absoluta segurança de que Roger Charles não havia morrido, sua vontade de reconhecê-lo.

O ENCONTRO

Tom Castro, sempre serviçal, escreveu a Lady Tichborne— Para fundamentar sua identidade invocou a prova fidedigna de duas pintas, situadas no mamilo esquerdo, e aquele episódio de sua infância, tão aflitivo mas por isso mesmo tão memorável, quando foi atacado por um enxame de abelhas. A comunicação era breve e, à maneira de Tom Castro e de Bogle, prescindia de escrúpulos ortográficos. Na imponente solidão de um hotel de Paris, a dama leu-a e releu-a com lágrimas felizes, e em poucos dias encontrou as recordações que lhe pedia o filho.

Aos dezesseis de janeiro de 1867, Roger Charles Tichborne anunciou-se nesse hotel. Precedeu-o seu respeitoso criado, Ebenezer Bogle. O dia de inverno era de muito sol; os olhos fatigados de Lady Tichborne estavam velados pelo pranto. O negro abriu de par a par as janelas. A luz compôs a máscara: a mãe reconheceu o filho pródigo e franqueou-lhe seu abraço. Agora que deveras o possuía, podia prescindir do diário e das cartas que ele lhe mandara do Brasil: meros reflexos adorados que alimentaram sua solidão de catorze anos soturnos. Devolveu-as com orgulho: nem uma faltava.

Bogle sorriu discretamente: já tinha onde se documentar, o plácido fantasma de Roger Charles.

AD MAJOREM DEI GLORIAM

O reconhecimento ditoso – que parece cumprir uma tradição das tragédias clássicas – devia coroar esta história, deixando três felicidades asseguradas ou, pelo menos, prováveis: a da mãe verdadeira, a do filho apócrifo e tolerante, a do conspirador recompensado pela apoteose providencial de seu esforço. O Destino (tal é o nome que aplicamos à infinita operação incessante de milhares de causas entrelaçadas) não resolveu assim. Lady Tichborne morreu em 1870 e os parentes iniciaram uma questão litigiosa contra Arthur Orton por usurpação de estado civil. Desprovidos de lágrimas e de pesar, mas não de cobiça, jamais acreditaram no obeso e quase analfabeto filho pródigo que tão intempestivamente ressurgia da Austrália.

Orton contava com o apoio dos inumeráveis credores, que tinham decidido que ele era de fato Tichborne, para que pudesse pagar-lhes.

Contava ainda com a amizade do advogado da família, Edward Hopkins, e com a do antiquário Francis J. Baigent. Isso não bastava, contudo. Bogle pensou que para ganhar a partida era imprescindível o favor de uma forte corrente popular. Pediu a cartola e o distinto guarda-chuva e foi buscar inspiração nas circumspectas ruas de Londres. Era ao entardecer: Bogle vagou até que uma lua cor de mel se duplicou na água retangular das fontes públicas. O deus visitou-o. Bogle chamou uma carruagem e fez-se conduzir ao apartamento do antiquário Baigent. Este mandou uma longa carta ao Times, na qual assegurava ser o suposto Tichborne um descarado impostor. Assinava-a o padre Goudron, da Sociedade de Jesus. Outras denúncias igualmente papistas se sucederam. O efeito foi imediato: as boas almas não deixaram de adivinhar que Sir Roger Charles era alvo de um complô abominável dos jesuítas.

A CARRUAGEM

Cento e noventa dias durou o processo. Cerca de cem testemunhas declararam que o acusado era Tichborne – entre eles, quatro companheiros de armas do 6º Regimento de Dragões. Seus partidários não deixavam de repetir que não era um impostor, pois, se o fosse, teria procurado arremedar os retratos juvenis de seu modelo. Além disso, Lady Tichborne o havia reconhecido, e é evidente que mãe não se engana. Tudo corria bem, ou mais ou menos bem, até que uma antiga amada de Orton compareceu ante o tribunal para depor. Bogle não se alterou com essa pérfida manobra dos "parentes"; pediu chapéu e guarda-chuva e foi implorar uma terceira iluminação pelas circumspectas ruas de Londres. Não saberemos nunca se a encontrou. Pouco antes de chegar a Primrose Hill, atingiu-o o terrível veículo que do fundo das idades o perseguia. Bogle viu-o chegar, deixou escapar um grito, porém não atinou com a salvação. Foi projetado com violência contra as pedras. Os traiçoeiros cascos do pangaré partiram-lhe o crânio.

O ESPECTRO

Tom Castro era o fantasma de Tichborne, mas um pobre fantasma habitado pelo gênio de Bogle. Quando lhe disseram que este havia morrido, aniquilou-se. Continuou mentindo, porém com escasso entusiasmo e com disparatadas contradições. Era fácil prever o fim.

Aos 27 de fevereiro de 1874, Arthur Orton, também conhecido como Tom Castro, foi condenado a catorze anos de trabalhos forçados. No cárcere, soube fazer-se querer; era seu ofício. O comportamento exemplar valeu-lhe uma redução de pena de quatro anos. Quando essa hospitalidade final (a da prisão) lhe permitiu, excursionou pelas aldeias e pelos centros populosos do Reino Unido, a pronunciar pequenas conferências nas quais declarava sua inocência ou afirmava sua culpa. Nele, a modéstia e o desejo de agradar eram tão duradouros que muitas noites começou pela defesa e acabou pela confissão, sempre a serviço das inclinações do público.

Aos 2 de abril de 1898, morreu.

A VIÚVA CHING, PIRATA

A palavra corsárias corre o risco de despertar uma lembrança que é vagamente incômoda: a de uma já descolorida zarzuela, com suas teorias de ostensivas mucamas a representarem piratas coreográficas em mares de notório papelão. Contudo, houve corsárias: mulheres hábeis nas manobras marinheiras, no governo de tripulações bestiais e na perseguição e saque de

naves de bordo alto. Uma delas foi Mary Read, que declarou certa vez não ser a profissão de pirata para qualquer um, e para exercê-la com dignidade precisava-se ser homem de coragem, como ela. Nos rústicos princípios de sua carreira, quando ainda era capitã, um de seus amantes foi injuriado pelo espadachim de bordo. Mary desafiou-o para um duelo, e se bateu com ele com as duas mãos, segundo o antigo uso das ilhas do mar do Caribe: a profunda e precária garrucha na mão esquerda, o sabre fiel na direita. A garrucha falhou, mas a espada se portou bem... Por volta de 1720, a arriscada carreira de Mary Read foi interrompida por uma força espanhola, em Santiago de la Vega (Jamaica).

Outra pirata desses mares foi Anne Bonney, irlandesa resplandecente, de seios altos e cabelo fofinho, que mais de uma vez arriscou seu corpo na abordagem de embarcações. Foi companheira de armas de Mary Read, e, finalmente, de força. Seu amante, o capitão John Rackam, teve também seu nó corrediço nessa função. Anne, despeitada, deu-lhe esta áspera variante de recriminação de Aixa a seu filho, o rei Boabdil: "Se houvesse combatido como um homem, não te enforcariam como um cão".

Outra, mais venturosa e longeva, foi uma pirata que operou nas águas da Ásia, do Mar Amarelo até os rios da fronteira do Annam. Falo da aguerrida viúva Ching.

OS ANOS DE APRENDIZAGEM

Por volta de 1797, os acionistas das muitas esquadras piráticas desse mar fundaram um consórcio e nomearam almirante um tal Ching, homem justiceiro e experimentado. Este foi tão severo e exemplar na pilhagem às costas que os habitantes espavoridos imploraram com dádivas e lágrimas o socorro imperial. Sua lastimosa petição não foi desatendida: receberam ordens de pôr fogo em suas aldeias, de esquecer os afazeres da pescaria, de emigrar terra adentro e aprender uma ciência desconhecida chamada agricultura. Assim o fizeram, e os frustrados invasores não encontraram senão um litoral deserto. Tiveram de se entregar, por conseguinte, ao assalto de navios: depredação ainda mais nociva do que a anterior, pois prejudicava seriamente o comércio. O governo imperial não vacilou e ordenou aos antigos pescadores o abandono do arado e dos bois, para que se restaurassem os remos e as redes. Eles se amotinaram, fiéis ao antigo temor, e as autoridades decidiram-se por outra conduta: nomear o almirante Ching chefe

dos Estábulos Imperiais. Ele pretendia aceitar o suborno. Os acionistas souberam-no a tempo, e sua virtuosa indignação manifestou-se num prato de urtigas envenenadas, cozidas com arroz. A guloseima foi fatal: o antigo almirante e chefe novel dos Estábulos Imperiais entregou sua alma às divindades do mar. A viúva, transfigurada pela ,dupla traição, congregou os piratas, revelou-lhes o enredado caso e instou-os a recusar a clemência falaz do imperador e o ingrato serviço dos acionistas, de inclinação envenenadora. Propôs-lhes abordagem por conta própria e a votação de um novo almirante. Foi ela a eleita. Era uma mulher sarmentosa, de olhos entorpecidos e sorriso cariado. O cabelo, que enegrecia e azeitava, resplandecia mais do que os olhos.

Sob suas tranqüilas ordens, os navios lançaram-se ao perigo e ao alto-mar.

O COMANDO

Treze anos de metódica aventura se sucederam. Seis pequenas esquadras integravam a armada sob bandeiras de diversas cores: a vermelha, a amarela, a verde, a cor de amora e a da serpente, que era a nave capitânia. Os chefes chamavam-se Pássaro-e-Pedra, Castigo-da-Agua-Matutina, Jóia-da-Tripulação, Onda-com-Muitos-Peixes e Sol-Alto. O regulamento, redigido pela viúva Ching em pessoa, é de inapelável severidade, e seu estilo justo e lacônico prescinde das desfalecidas flores retóricas que emprestam majestade bem mais irrisória à maneira oficial chinesa, da qual oferecemos em seguida alguns alarmantes exemplos. Copio alguns artigos:

"Todos os bens transportados de navios inimigos irão ter ao depósito e ali devem ser registrados. Uma quinta parte do saque de cada pirata ser-lhe-á entregue mais tarde; o restante continuará no depósito. A violação desta ordem é a morte.

"A pena para o pirata que abandonar seu lugar sem autorização especial será a perfuração pública de suas orelhas. A reincidência nesta falta é a morte.

"O comércio com as mulheres arrebatadas nas aldeias fica proibido sobre a coberta; deverá limitar-se ao porão e nunca sem a licença do

oficial que se ocupa dos carregamentos. A violação desta ordem é a morte."

Relatos de prisioneiros asseguram que o rancho desses piratas consistia principalmente de bolachas, de obesos ratos cevados e arroz cozido; nos dias de combate, costumavam misturar pólvora com o álcool. Naipes e dados fraudulentos, o copo e o retângulo do baralho do "fantan", o visionário cachimbo do ópio e a lamparina distraíam as horas. Duas espadas de emprego simultâneo eram as armas preferidas. Antes da abordagem, esfregavam os pômulos e o corpo com uma infusão de alho; seguro talismã contra as bocas de fogo.

A tripulação viajava com as mulheres, o capitão com seu harém, composto de cinco ou seis delas, que costumava renovar nas vitórias.

FALA KIA-KLNIG, O JOVEM IMPERADOR

Em meados de 1809, promulgou-se um édito imperial do qual copio a primeira parte e a última. Muitos criticaram seu estilo:

"Homens desventurados e daninhos, homens que pisam o pão, homens que desatendem o clamor dos cobradores de impostos e dos órfãos, homens em cuja roupa íntima estão desenhados a fênix e o dragão, homens que negam a verdade dos livros impressos, homens que deixam as lágrimas correrem fixando o Norte, molestam a ventura de nossos rios e a antiga confiança de nossos mares. Em barcos avariados e desprezíveis, enfrentam noite e dia a tempestade. Seu objetivo não é benévolo: não são nem foram nunca os verdadeiros amigos do navegante. Longe de prestar-lhe ajuda, acometem-no com ferocíssimo impulso e o convidam à ruína, à mutilação ou à morte. Violam, assim, as leis naturais do Universo, de sorte que os rios transbordam, as ribeiras inundam-se, os filhos se voltam contra os pais e os princípios da umidade e da seca são alterados..."

"...Por conseguinte, encomendo-te o castigo, Almirante Kvo-Lang. Não te esqueças de que a clemência é um atributo imperial e seria presunção em um impulsivo pretender assumi-la. Sê cruel, sê justo, sê obedecido, sê vitorioso."

A referência inicial às embarcações avariadas era, naturalmente, falsa. Seu fim era levantar a coragem da expedição de Kvo-Lang. Noventa dias depois, as forças da viúva Ching enfrentaram as do Império Central. Quase mil navios combateram de sol a sol. Um coro misto de sinos, de tambores, de canhões, de imprecações, de gongos e de profecias acompanhou a ação. As forças do Império foram desfeitas. Nem o proibido perdão nem a recomendada crueldade tiveram ocasião de exercerem-se. Kvo-Lang observou um rito que nossos generais derrotados optam por declinar: o suicídio.

AS RIBEIRAS ESPAVORIDAS

Então, os seiscentos juncos de guerra e os quarenta mil piratas vitoriosos da Viúva soberba remontaram ao estuário do Si-Kiang, multiplicando incêndios e festas espantosas e órfãos, a bombordo e a estibordo. Houve aldeias inteiras arrasadas. Em só uma delas o número de prisioneiros passou do milhar. Cento e vinte mulheres, que solicitaram o confuso amparo dos juncais e arrozais vizinhos, foram denunciadas pelo incontido choro de uma criança e logo vendidas em Macau. Embora longínquas, as miseráveis lágrimas e lutos dessa depredação chegaram aos ouvidos de Kia-King, Filho do Céu. Certos historiadores pretendem que lhe doeram menos que o desastre de sua expedição primitiva. O certo é que organizou uma segunda, terrível em estandartes, em marinheiros, em soldados, em petrechos de guerra, em provisões, em áugures e astrólogos. O comando recaiu desta vez em Ting-Kvei. Essa pesada multidão de navios remontou ao delta do Si-Kiang e fechou a passagem da esquadra pirática. A viúva aprestou-se para a batalha. Sabia-a difícil, muito difícil, quase desesperada; noites e meses de saque e ócio haviam relaxado seus homens. A batalha não começava nunca. Sem pressa, o sol se levantava e se punha sobre os bambus trêmulos. Os homens e as armas velavam. Os meios-dias eram mais poderosos, as sextas infinitas.

O DRAGÃO E A RAPOSA

Contudo, altos bandos preguiçosos de leves dragões surgiam a cada entardecer das naves da esquadra imperial e pousavam com delicadeza na

água e nas cobertas inimigas. Eram aéreas construções de papel e taquara, semelhantes a cometas, e sua prateada ou vermelha superfície repetia idênticos caracteres. A Viúva examinou com ansiedade esses regulares meteoros e leu neles a lenta e confusa fábula de um dragão que sempre havia protegido uma raposa, apesar de suas muitas ingratidões e constantes delitos. A lua adelgaçou-se no céu, e as figuras de papel e bambu traziam cada tarde a mesma história, com quase imperceptíveis variantes. A Viúva afligia-se e pensava. Quando a lua estava plena no céu e na água avermelhada, a história pareceu chegar a seu fim. Ninguém podia predizer se um ilimitado perdão ou se um ilimitado castigo abater-se-ia sobre a raposa, porém o inevitável fim se aproximava. A Viúva compreendeu. Jogou suas duas espadas no rio, ajoelhou-se num bote e ordenou que a conduzissem até a nave do comando imperial.

Era ao entardecer; o céu estava cheio de dragões, desta vez amarelos. A Viúva murmurava uma frase. "A raposa procura a asa do dragão", disse ao subir a bordo.

A APOTEOSE

Os cronistas narram que a raposa obteve seu perdão e dedicou a lenta velhice ao contrabando de ópio. Deixou de ser a Viúva; assumiu um nome cuja tradução vernácula é Brilho-da-Verdadeira-Instrução.

"Desde aquele dia (escreve um historiador) os navios recuperaram a paz. Os quatro mares e os rios inumeráveis tornaram-se seguros e felizes caminhos.

"Os lavradores puderam vender as espadas e comprar bois para o arado de seus campos. Fizeram sacrifícios, ofereceram orações nos cimos das montanhas e se regozijaram durante o dia cantando atrás de biombos."

O PROVIDOR DE INIQUIDADES MONK EASTMAN

OS DESTA AMÉRICA

Bem perfilados num fundo de paredes celestes ou de céu alto, dois compadritos, empertigados em séria roupa negra, dançam sobre sapatos de mulher uma dança gravíssima, que é a dos idênticos punhais, até que de uma orelha salte um cravo, porque o punhal penetrou em um homem, que encerra, com sua morte horizontal, a dança sem música. Resignado, o outro ajeita o chapéu e consagra a velhice à narração desse duelo tão limpo. Esta é a história detalhada e total de nossa má vida. A dos homens de briga de Nova York é mais vertiginosa e mais desastrada.

OS DA OUTRA

A história das quadrilhas de Nova York (revelada em 1928 por Herbert Asbury em um circunspecto volume de quatrocentas páginas em oitavo) possui a confusão e crueldade das cosmogonias bárbaras e muito de sua inépcia gigantesca: porões de antigas cervejarias habilitados para cortiços de negros, uma raquítica Nova York de três pavimentos; bandos de foragidos

como os Anjos do Pântano (*Swamp Angels*) que perambulavam entre labirintos de cloacas; bandos de foragidos como os *Daybreak Boys* (Rapazes da Madrugada) que recrutavam assassinos precoces de dez e onze anos; gigantes solitários e descarados como os Ferozes *Insolentes* (*Plug Uglies*) que procuravam o inverossímil riso do próximo com uma firme cartola peluda e as vastas fraldas da camisa ondeadas pelo vento do subúrbio, mas com um garrote na direita e um revólver profundo; bandos de foragidos como os Coelhos Mortos (*Dead Rabbits*) que entravam na briga com a insígnia de um coelho morto num pau; homens como Johnny Dolan, o Dândi, famoso pelo topete azeitado sobre a fronte, pelas bengalas com cabeça de macaco e pelo fino instrumento de cobre que costumava calçar no polegar para esvaziar os olhos dos adversários; homens como Kit Burns, capaz de decapitar com uma única mordida um rato vivo; homens como Blind Danny Lyons, rapaz louro de imensos olhos mortos, rufião de três rameiras que circulavam com orgulho por ele, filas de casas de luz encarnadas como as dirigidas por sete irmãs de New England, que destinavam os lucros da noite de Natal à caridade; rinhas de ratos famélicos e de cães; casas de jogo chinesas; mulheres como a várias vezes viúva Red Norah, amada e ostentada por todos os homens que dirigiam o bando dos *Gophers*; mulheres como Lizzie the Dove, que pôs luto quando executaram Danny Lyons e morreu degolada por Gentle Maggie, que discutiu com ela a antiga paixão do homem morto e cego; motins, como o de uma semana selvagem de 1863, que incendiaram cem edifícios e por pouco não se assenhorearam da cidade; combates de rua nos quais o homem se perdia como no mar porque o pisoteavam até a morte; ladrões e envenenadores de cavalos como Yoske Nigger – tecem essa caótica história. Seu herói mais famoso é Edward Delaney, apelidado William Delaney, apelidado Joseph Marvin, apelidado Joseph Morris, também conhecido por Monk Eastman, chefe de mil e duzentos homens.

O HERÓI

Esses disfarces graduais (penosos como um baile de máscaras em que não se sabe bem quem é quem) omitem seu nome verdadeiro – se é que nos atrevemos a pensar que existe tal coisa no mundo. O certo é que no Registro Civil de Williamsburg, Brooklyn, o nome é Edward Ostermann, americanizado como Eastman depois. Coisa estranha, esse malfeitor tormentoso era hebreu. Filho de um dono de restaurante dos que anunciam Kosher, onde homens de rabínicas barbas podem assimilar sem perigo a

carne dessangrada, três vezes limpa, de reses degoladas com retidão. Aos dezenove anos, por volta de 1892, abriu, com auxílio de seu pai, uma casa de pássaros. Perscrutar a vida dos animais, contemplar suas pequenas decisões e sua inescrutável inocência foi uma paixão que o acompanhou até o fim. Em ulteriores épocas de esplendor, quando recusava com desdém os charutos de folha dos sardentos *sachems* de Tammany ou visitava os melhores prostíbulos em um coche, antecipação de automóvel, que parecia o filho natural de uma gôndola, abriu um segundo e falso comércio, hospedando cem gatos finos e mais de quatrocentas pombas – que não estavam à venda para ninguém. Gostava deles individualmente e costumava passear a pé em seu distrito com um gato feliz no braço, e outros que o seguiam com ambição.

Ele era uma ruína monumental. O pescoço curto, como de touro, o peito inexpugnável, os braços pelejadores e compridos, o nariz quebrado, a cara, ainda que historiada com cicatrizes, menos importante que o corpo, as pernas arqueadas como de ginete ou de marinheiro. Podia prescindir de camisa como também de paletó, não de um chapéu de grandes abas sobre a cabeça ciclópica. Os homens cuidam de sua memória. Fisicamente, o pistoleiro convencional dos filmes é um arremedo seu, não do epiceno e balofo Capone. De Wolheim, dizem que o empregaram em Hollywood porque seus traços aludiam diretamente aos do deplorado Monk Eastman... Este costumava percorrer seu império foragido com uma pomba de plumagem azul no ombro, igual a um touro com um bem-te-vi no dorso.

Por volta de 1894, eram abundantes os salões de dança populares na cidade de Nova York. Eastman foi o encarregado de um deles, para manter a ordem. A lenda conta que o empresário não o quis atender e que Monk demonstrou sua capacidade demolindo com fragor o par de gigantes que detinha o emprego. Exerceu-o até 1899, temido e só.

Para cada pendenciador que serenava, fazia com a faca uma marca na maça brutal. Certa noite, uma calva resplandecente que reclinava sobre um bock de cerveja chamou-lhe a atenção, e a fez desmaiar com uma pancada. – "Faltava-me uma marca para cinquenta!", exclamou depois.

O MANDO

Desde 1899, Eastman não era apenas famoso. Era o chefe eleitoral de uma zona importante, e cobrava fortes subsídios das casas de luz encarnada, das casas de jogo clandestinas, das mulheres de calçada, e dos ladrões desse feudo sórdido. Os comitês consultavam-no para organizar diretórios, e os particulares também. Eis aqui seus honorários: 15 dólares uma orelha arrancada, 19 uma perna quebrada, 25 um balaço na perna, 100 o negócio completo. As vezes, para não perder o costume, Eastman executava pessoalmente uma encomenda.

Certa questão de limites (sutil e mal-humorada como as outras que posterga o direito internacional) colocou-o diante de Paul Kelly, famoso capitão de outro bando. Balaços e entreveres das patrulhas haviam determinado uma fronteira. Eastman atravessou-a num amanhecer e acometeram-no cinco homens. Com aqueles braços vertiginosos de macaco e com o cacete fez rodar três, mas lhe acertaram duas balas no abdômen e abandonaram-no como se estivesse morto. Eastman segurou a ferida cálida com o polegar e o indicador e caminhou com andar bêbado até o hospital. A vida, a febre alta e a morte disputaram-no várias semanas, mas seus lábios não se rebaixaram a delatar pessoa alguma. Quando saiu, a guerra era um fato e floresceu em contínuos tiroteios até o dia dezenove de agosto de novecentos e três.

A BATALHA DE RIVINGTON

Uns cem heróis vagamente diferentes das fotografias que estarão desbotando nos prontuários, uns cem heróis saturados de fumaça de tabaco e de álcool, uns cem heróis de palheta com faixa colorida, uns cem heróis afetados, este mais do que aquele, por doenças vergonhosas, cáries, males das vias respiratórias ou dos rins, uns cem heróis tão insignificantes ou esplêndidos quanto os de Tróia ou de Junín deram-se a esse denegrado feito de armas, à sombra dos arcos do *Elevated*. A causa foi o tributo exigido pelos pistoleiros de Kelly ao empresário de uma casa de jogo, compadre de Monk Eastman. Um dos pistoleiros foi morto, e o tiroteio conseguinte aumentou a batalha de inúmeros revólveres. Protegidos pelos altos pilares, homens de queixo raspado disparavam silenciosos e eram o centro de um espavorido horizonte de automóveis de aluguel tripulados por impacientes reforços, com ameaçadora artilharia Colt à mão. O que teriam sentido os protagonistas dessa batalha? Primeiro (creio) a brutal convicção de que o estrépito insensato de cem revólveres iria aniquilá-los de imediato; segundo (creio) a

não menos errônea certeza de que, se a descarga inicial não os derrubara, eram invulneráveis. O certo é que pelearam com furor, protegidos pelas estruturas metálicas e pela noite. Duas vezes interveio a polícia e duas foi rechaçada. Ao primeiro vislumbre do amanhecer, o combate morreu, como se fora obscuro ou espectral. Sob os grandes arcos de engenharia ficaram sete feridos graves, quatro cadáveres e uma pomba morta.

OS RANGIDOS

Os políticos paroquiais, a cujo serviço estava Monk Eastman, sempre desmentiram publicamente que houvesse tais bandos ou explicavam que se tratavam de meras sociedades recreativas. A indiscreta batalha de Rivington alarmou-os. Tiveram entrevistas com os dois capitães para intimá-los à necessidade de uma trégua. Kelly (bom sabedor de que os políticos eram mais aptos que todos os revólveres Colt para entorpecer a ação policial) disse imediatamente que sim; Eastman (com a soberba de seu grande corpo de bruto) ansiava por mais detonações e mais refregas. Começou por recusar e tiveram de ameaçá-lo com a prisão. Afinal, os dois ilustres malfeitores conferenciaram num bar, cada um com um cigarro de palha na boca, a mão no revólver, e sua nuvem vigilante de pistoleiros ao redor. Chegaram a uma decisão muito americana: confiar a uma luta de boxe a disputa. Kelly era boxeador habilíssimo. O duelo realizou-se num galpão e foi excêntrico. Cento e quarenta espectadores viram-no entre sujeitos de chapéus torcidos e mulheres de frágil penteado monumental. Durou duas horas e terminou por completa extenuação. Na outra semana recommençaram os tiroteios. Monk foi preso pela enésima vez. Os protetores se desinteressaram dele com alívio, o juiz vaticinou-lhe, com toda aparência de verdade, dez anos de cárcere.

EASTMAN CONTRA A ALEMANHA

Quando o ainda perplexo Monk saiu de Sing-Sing, os mil e duzentos foragidos de seu comando estavam debandados. Não soube juntá-los outra vez, e se resignou a operar por conta própria. No dia oito de setembro de 1917, promoveu uma desordem na via pública. Dia nove, resolveu participar de outra desordem, e se alistou em um Regimento de Infantaria.

Sabemos de vários aspectos de sua campanha. Sabemos que desaprovou com fervor a captura de prisioneiros e que certa vez (apenas com a culatra do fuzil) impediu essa prática deplorável. Sabemos que conseguiu fugir do hospital para voltar às trincheiras. Sabemos que se distinguiu nos combates próximos de Montfaucon. Sabemos que depois opinou que muitos bailaricos populares de Bowery eram mais terríveis que a guerra européia.

O MISTERIOSO, LÓGICO FIM

No dia vinte e cinco de dezembro de 1920, o corpo de Monk Eastman amanheceu em uma das ruas centrais de Nova York. Havia recebido cinco balaços. Desconhecedor feliz da morte, um gato dos mais ordinários rondava-o com certa perplexidade.

O ASSASSINO DESINTERESSADO BILL HARRIGAN

A imagem das terras do Arizona, antes de qualquer outra imagem: a imagem das terras do Arizona e do Novo México, terras com ilustre fundamento de ouro e de prata, terras vertiginosas e aéreas, terras da meseta monumental e das delicadas cores, terras com o esplendor branco de esqueleto descarnado pelos pássaros. Nessas terras, outra imagem, a de Billy the Kid: o cavaleiro fixo sobre a montaria, o jovem dos duros tiroteios que aturdem o deserto, o emissor de balas invisíveis que matam à distância, como um feitiço.

O deserto encordoado de metais, árido e reluzente. O quase menino que, ao morrer aos vinte e um anos, devia à justiça vinte e uma mortes – "sem contar mexicanos".

O ESTADO LARVAR

Por volta de 1859, o homem que, para o terror e a glória, seria Billy the Kid, nasceu num cortiço subterrâneo de Nova York. Dizem que o pariu um fatigado ventre irlandês, mas que se criou entre negros. Nesse caos de catinga e carapinhas, gozou do primado que concedem as sardas e uma melena avermelhada. Praticava o orgulho de ser branco; também era mirrado, bravio, soez. Aos doze anos, militou na quadrilha dos *Swamp Angels* (Anjos do Pântano), divindades que operavam nas cloacas. Em noites cheirando a névoa queimada, emergiam daquele fétido labirinto, seguiam o rumo de algum marinheiro alemão, desmornavam-no com uma bordoadada, despojavam-no até da roupa de baixo e se entregavam em seguida à outra imundície. Comandava-os um negro encanecido, Gas Houser Jonas, também famoso como envenenador de cavalos.

Às vezes, da janela da água-furtada de alguma casa corcunda perto da água, uma mulher virava sobre a cabeça de um transeunte um balde de cinza. O homem se agitava e se afogava. Em seguida, os Anjos do Pântano pululavam sobre ele, arrebatavam-no pela boca de um porão e saqueavam-no.

Tais foram os anos de aprendizagem de Bill Harrigan, o futuro Billy the Kid. Não desdenhava as ficções teatrais: gostava de assistir (talvez sem

nenhum pressentimento de que eram símbolos e letras de seu destino) aos melodramas de cowboys.

GO WEST!

Se os populosos teatros de Bowery (cujos freqüentadores vociferavam "Levantem o trapo!" à menor falta de pontualidade da cortina) eram abundantes nesses melodramas de cavaleiros e balaços, a fácil razão disso é que a América então sofria a atração do Oeste. Além do poente estava o ouro de Nevada e da Califórnia. Além dos poentes estavam o machado demolidor de cedros, a enorme cara babilônica do bisão, a cartola e o numeroso leito do Brigham Young, as cerimônias e a ira do homem vermelho, o ar limpo dos desertos, a desmedida pradaria, a terra fundamental, cuja proximidade acelera o bater do coração como a proximidade do mar. O Oeste chamava. Um contínuo rumor compassado povoou esses anos: o de milhares de homens americanos ocupando o Oeste. Nessa progressão, por volta de 1872, estava o sempre serpejante Bill Harrigan fugindo de uma cela retangular.

DEMOLIÇÃO DE UM MEXICANO

A História (que, à maneira de certo diretor cinematográfico, procede por imagens descontínuas) propõe agora a de uma arriscada taberna, isolada no todo-poderoso deserto como em alto-mar. O tempo, uma desordenada noite do ano de 1873; o exato lugar, a planície Parada (Novo México). A terra é quase sobrenaturalmente lisa, porém o céu de nuvens em desnível, com intervalos de tormenta e lua, está cheio de poços que se fissuram e de montanhas. Na terra há o crânio de uma vaca, ladridos e olhos de coiote na sombra, finos cavalos e a luz prolongada da taberna. Dentro, acotovelados no mesmo balcão, homens cansados e fornidos bebem um álcool pendenciador e fazem ostentação de grandes moedas de prata com uma serpente e uma águia. Um bêbado canta impassivelmente. Há quem fale um idioma com muitos esses, que tem de ser espanhol, pois os que o falam são desprezados. Bill Harrigan, rato avermelhado de cortiço, está entre os que bebem. Concluiu duas doses de aguardente e pensa pedir outra mais, talvez porque não lhe reste um centavo. Aniquilam-no, os homens daquele deserto. Vê-os

tremendos, tempestuosos, felizes, odiosamente sábios no manejo do gado selvagem e de altos cavalos. De repente, faz-se um silêncio total, apenas ignorado pela desatinada voz do bêbado. Entrou um mexicano mais do que fornido, com cara de índia velha. Transborda num excessivo sombreiro e em duas pistolas laterais. Em duro inglês deseja as boas-noites a todos os gringos filhos de cadela que estão bebendo. Ninguém aceita o desafio. Bill pergunta quem é, e lhe sussurram temerosamente que é o Dago – o Díego -, Belisário Villagrán, de Chihuahua. Uma detonação reboa em seguida. Parapeitado por aquele cordão de homens altos, Bill disparou sobre o intruso. O copo cai da mão de Villagrán, depois todo o homem. Não precisa de outra bala. Sem dignar-se olhar para o luxuoso morto, Bill retoma a conversa: "Deveras? – diz."¹ – Pois eu sou Bill Harrigan, de Nova York". O bêbado continua cantando, insignificante.

Já se adivinha a apoteose. Bill concede apertos de mão e aceita adulações, urras e uísques. Alguém observa que não há marcas em seu revólver e lhe propõe gravar uma para significar a morte de Villagrán. Billy the Kid fica com a navalha desse alguém, mas diz "que não vale a pena anotar mexicanos". Só isto, contudo, não basta. Bill, essa noite, estende sua manta ao lado do cadáver e dorme até a aurora – ostentadamente.

¹ "Is that so?, he drawled."

MORTES PORQUE SIM

Dessa feliz detonação (aos catorze anos de idade) nasceu Billy the Kid, o Herói, e morreu o furtivo Bill Harrigan. O meninote da cloaca e das pedradas ascendeu a homem da fronteira. Fez-se cavaleiro, aprendeu a montar ereto no cavalo, à maneira de Wyoming ou do Texas, não com o corpo jogado para trás, ao modo do Oregon e da Califórnia. Não chegou nunca a se parecer, de todo, com sua lenda, porém, dela se aproximou bastante. Algo do cafajeste de Nova York perdurou no *cowboy*; dedicou aos mexicanos o ódio que antes lhe inspiravam os negros, porém as últimas palavras que disse foram em espanhol (palavrões). Aprendeu a arte vagabunda dos tropeiros. Aprendeu a outra, mais difícil, de comandar homens; ambas ajudaram-no a ser um ladrão eficaz de gado. Às vezes, as guitarras e os bordéis do México empolgavam-no.

Com a lucidez atroz da insônia, organizava populosas orgias que duravam quatro dias e quatro noites. Afinal, com asco, pagava a conta com

balaços. Enquanto o dedo no gatilho não lhe falhou, foi o homem mais temido (e quiçá ninguém mais sozinho) dessa fronteira. Garrett, seu amigo, o xerife que o matou, disse-lhe certa vez: "Eu exercitei muito a pontaria matando búfalos". "Eu ainda mais, matando homens", replicou suavemente. Os pormenores são irrecuperáveis, porém sabemos que deveu até vinte e uma mortes – "sem contar mexicanos". Durante sete arriscadíssimos anos praticou esse luxo: a coragem.

Na noite de vinte e cinco de julho de 1880, Billy the Kid atravessou no galope de seu malhado a rua principal ou única, de Fort Sumner. O calor apertava e não haviam acendido os lampiões; o comissário Garrett, sentado em certa cadeira de balanço de um corredor, empunhou o revólver e disparou-lhe um balaço no ventre. O cavalo seguiu; o cavaleiro desapareceu-se na rua de terra. Garrett encaixou-lhe um segundo balaço. O lugarejo (sabendo que o ferido era Billy the Kid) fechou bem as janelas. A agonia foi longa e blasfematória. Já com o sol bem alto, acercaram-se dele e o desarmaram; o homem estava morto. Notaram-lhe o ar de objeto fora de uso que têm os defuntos.

Barbearam-no, embainharam-no em roupa feita e exibiram-no ao espanto e aos remoques na vitrina do melhor armazém.

Homens a cavalo ou em tálburi acudiram de léguas ao redor. No terceiro dia, tiveram de maquiá-lo. No quarto dia, enterraram-no com júbilo.

O INCIVIL MESTRE-DE-CERIMÔNIAS KOTSUKÉ NO SUKÉ

O infame deste capítulo é o incivil mestre-de-cerimônias Kotsuké no Suké, aziago funcionário que motivou a degradação e morte do senhor da Torre de Ako e não se quis eliminar como um cavaleiro, quando a apropriada vingança o cominou. É homem que merece a gratidão de todos os homens, porque despertou preciosas lealdades e foi a negra e necessária ocasião de uma tarefa imortal. Uma centena de romances, de monografias, de teses doutorais e de óperas comemoram o fato – para não falar nas efusões em porcelana, lápis-lazúli venulado, e em laca. Até o versátil celulóide serve-o, uma vez que a História Doutrinal dos Quarenta e Sete Capitães – tal é seu nome – é a mais repetida inspiração do cinema japonês. A minuciosa glória que essas ardentes atenções afirmam é algo mais que justificável: é imediatamente justa para quem quer que seja.

Sigo o relato de A. B. Mitford, que omite as contínuas distrações que opera a cor local e prefere atender ao movimento do glorioso episódio. Essa boa ausência de "orientalismo" dá margem a se suspeitar de que se trata de uma versão direta do japonês.

O CORDÃO DESATADO

Na desvanecida primavera de 1702, o ilustre senhor da Torre de Ako teve de receber e hospedar um enviado imperial. Dois mil e trezentos anos de cortesia (alguns mitológicos) haviam complicado angustiosamente o cerimonial da recepção. O enviado representava o imperador, mas à maneira de alusão ou de símbolo: matiz que não era menos impropriedade sublinhar do que atenuar. Para impedir os equívocos muito facilmente fatais, um funcionário da corte de Yedo precedia-o, na qualidade de mestre-de-cerimônias. Longe da comodidade cortesã e condenado a uma *villégiature* montanhesa que lhe deve ter parecido um desterro, Kira Kotsuké no Suké dava sem jeito as instruções. Às vezes, dilatava até a insolência o tom magistral. Seu discípulo, o senhor da Torre, procurava dissimular esse escárnio. Não sabia replicar, a disciplina vedava-lhe toda a violência. Uma

manhã, contudo, o cordão do sapato do mestre desatou-se e este lhe pediu que o reatasse. O cavaleiro fê-lo com humildade, porém com indignação interior. O incivil mestre-de-cerimônias disse-lhe que na realidade era incorrigível, e que somente um campônio seria capaz de amarrar um nó tão torpe. O senhor da Torre puxou da espada e deu-lhe um golpe. O outro fugiu, apenas rubricada a fronte por um fio tênue de sangue... Dias depois, proferia sentença o tribunal militar contra o agressor e o condenava ao suicídio. No pátio central da Torre de Alço, elevaram um estrado de feltro vermelho e nele se mostrou o condenado e lhe entregaram um punhal de ouro e pedras, e confessou publicamente sua culpa e se foi despindo até a cintura e abriu o ventre com as duas feridas rituais, e morreu como um *samurai*, e os espectadores mais afastados não viram sangue porque o feltro era vermelho. Um homem encanecido e cuidadoso decapitou-o com a espada: o conselheiro Kuranosuké, seu padrinho.

O SIMULADOR DA INFÂMIA

A Torre de Takumi no Kami foi confiscada; seus capitães, debandados; sua família, arruinada e obscurecida; seu nome, vinculado à execração. Um rumor quer que, na idêntica noite em que ele se matou, quarenta e sete de seus capitães deliberaram no cume de um monte e planejaram, com toda a precisão, o que se produziu um ano mais tarde. O certo é que devem ter procedido de justificadas demoras e que algum de seus concílios teve lugar, não no cume difícil de uma montanha, mas numa capela em um bosque, medíocre pavilhão de madeira branca, sem outro adorno que a caixa retangular que contém um espelho. Apetecia-lhes a vingança, e a vingança lhes deve ter parecido inalcançável.

Kira Kotsuké no Suké, o odiado mestre-de-cerimônias, havia fortificado sua casa, e uma nuvem de arqueiros e esgrimistas custodiava seu palanquim. Contava com espias incorruptíveis, pontuais e secretos. Mais do que ninguém, zelavam e vigiavam o presumido capitão dos vingadores: Kuranosuké, o conselheiro. Este percebeu-o por acaso e fundou seu projeto vindicativo sobre esse fato.

Mudou-se para Kioto, cidade insuperável em todo o império pela cor de seus outonos. Deixou-se arrebatado pelos lupanares, pelas casas de jogo e pelas tabernas. Apesar de suas cãs, conviveu com rameiras e com poetas, e

gente ainda pior. Uma vez expulsaram-no da taberna e amanheceu adormecido no umbral, a cabeça tombada sobre um vômito.

Um homem de Satsuma reconheceu-o e disse, com tristeza e com ira: *"Não é este, porventura, aquele conselheiro de Asano Takumi no Kami, que o ajudou a morrer e que, em vez de vingar seu senhor, entrega-se aos deleites e à vergonha? Oh, tu, indigno do nome de Samurai!"*

Pisou-lhe o rosto adormecido e cuspiu nele. Quando os espíões denunciaram sua passividade, Kotsuké no Suké sentiu grande alívio.

Os fatos não pararam aí. O conselheiro despediu a esposa e o mais jovem de seus filhos, e comprou uma mulher num lupanar, famosa infâmia que lhe alegrou o coração e relaxou a temerosa prudência do inimigo. Este acabou por dispensar a metade de seus guardas.

Numa das noites atroztes do inverno de 1703, os quarenta e sete capitães marcaram encontro num desmantelado jardim dos arredores de Yedo, perto da ponte e da fábrica de baralhos. Iam com as bandeiras de seu senhor. Antes de empreenderem o assalto, advertiram os vizinhos de que não se tratava de violação às leis, mas de operação militar de estrita justiça.

A CICATRIZ

Os dois bandos atacaram o palácio de Kira Kotsuké no Suké. O conselheiro comandou o primeiro, que atacou a porta da frente; o segundo, seu filho mais velho, que completaria dezesseis anos nessa noite. A história sabe os diversos momentos desse pesadelo tão lúcido: a descida arriscada e pendular pelas escadas de corda, o tambor do ataque, a precipitação dos defensores, os arqueiros postados na açotéia, o direto destino das flechas aos órgãos vitais do homem, as porcelanas infamadas de sangue, a morte ardente, que depois é glacial; os impudores e desordens da morte. Nove capitães morreram; os defensores não eram menos valentes e não se quiseram render. Pouco depois da meia-noite, toda a resistência cessou.

Kira Kotsuké no Suké, razão ignominiosa dessas lealdades, não aparecia. Procuraram-no por todos os cantos desse inquieto palácio, e já desesperavam de o encontrar quando o conselheiro notou que os lençóis de seu leito estavam ainda mornos. Voltaram a procurar e descobriram uma

estreita janela dissimulada por um espelho de bronze. Em baixo, de um pequeno pátio sombrio, olhava-os um homem de branco. Uma tênue espada estava em sua mão direita. Quando desceram, o homem entregou-se sem luta. Raiava-lhe a fronte uma cicatriz: velho desenho do aço de Takumi no Kami.

Então os sangrentos capitães arrojaram-se aos pés do odioso e lhe disseram que eram os oficiais do senhor da Torre, de cuja perdição e fim era culpado, e lhe rogaram que se suicidasse, como o deve fazer um *samurai*.

Em vão propuseram esse decoro a seu ânimo servil. Era um varão inacessível à honra; de madrugada tiveram de degolá-lo.

O TESTEMUNHO

Já satisfeita sua vingança (mas sem ira, e sem agitação, e sem lástima), os capitães dirigiram-se ao templo que guarda as relíquias de seu senhor.

Em uma caldeira levam a incrível cabeça de Kira Kotsuké no Suké e se revezam para cuidar dela. Atravessam os campos e as províncias, à luz sincera do dia. Os homens os bendizem e choram. O príncipe de Sendai quer hospedá-los, mas respondem que há quase dois anos que os aguarda seu senhor. Chegam ao escuro sepulcro e oferecem a cabeça do inimigo.

A Suprema Corte emite a sentença. É o que esperam: se lhes outorga o privilégio do suicídio. Todos o cumprem, alguns com ardente serenidade, e repousam ao lado de seu senhor. Homens e crianças vêm rezar no sepulcro desses homens tão fiéis.

O HOMEM DE SATSUMA

Entre os peregrinos que acodem, há um rapaz empoeirado e exausto que deve ter vindo de longe. Prosterne-se diante do monumento de Oishi Kuranosuké, o conselheiro, e diz em voz alta: *"Eu te vi jogado à porta de um lupanar de Kioto e não pensei que estava premeditando a vingança de teu*

senhor, e te julguei um soldado sem fé e cuspi em teu rosto. Vim te dar satisfações". Disse isto e cometeu haraquiri.

O prior condeu-se de sua valentia e lhe deu sepultura no lugar em que os capitães repousam.

Este é o final da história dos quarenta e sete homens leais – salvo que não tem fim, porque os outros homens que não somos leais talvez, mas nunca perderemos de todo a esperança de sê-lo, continuaremos a honrá-los com palavras.

O TINTUREIRO MASCARADO HAKIM DE MERV

A Angélica Ocampo

Se não me engano, às fontes originais de informação acerca de Al Moqanna, o Profeta Velado (ou mais estritamente, Mascarado) do Kurassan (*No original em castelhano: Jorasán*), reduzem-se a quatro: a) os excertos da *História dos Califas*, conservados por Baladhuri; b) o *Manual do Gigante ou Livro da Precisão e da Revisão*, do historiador oficial dos abássidas, Ibn abi Tair Tarfur; c) o códice árabe intitulado *A Aniquilação da Rosa*, em que se refutaram as heresias abomináveis *da Rosa Obscura ou Rosa Escondida*, que era o livro canônico do Profeta; d) umas moedas sem efígie desenterradas pelo engenheiro Andrusov, num desmonte da Estrada de Ferro Transcaspiana. Essas moedas foram depositadas no Gabinete Numismático de Teerã e contêm dísticos persas que resumem ou corrigem certas passagens

da Aniquilação. A Rosa original foi perdida, uma vez que o manuscrito encontrado em 1889 e publicado não sem leviandade pelo *Morgenländisches Archiv* foi declarado apócrifo por Horn e em seguida por Sir Percy Sykes.

A fama ocidental do Profeta deve-se a um loquaz poema de Moore, sobrecarregado de saudades e suspiros de conspirador irlandês.

A PÚRPURA ESCARLATE

Aos 120 anos da Hégira e 736 da Cruz, o homem Hakim, que os homens daquele tempo e daquele espaço apelidaram logo de O Velado, nasceu no Turquestão. Sua pátria foi a antiga cidade de Merv, cujos jardins e vinhedos e prados olham tristemente o deserto. O meio-dia é branco e deslumbrante, quando não o obscurecem nuvens de pó que sufocam os homens e deixam uma lâmina esbranquiçada nas cepas escuras.

Hakim criou-se nessa fatigada cidade. Sabemos que um irmão de seu pai adestrou-o no ofício de tintureiro: arte de ímpios, de falsários e de inconstantes, que inspirou os primeiros anátemas de sua carreira pródiga. *"Meu rosto é de ouro (revela em uma página famosa da Aniquilação), porém macerei a púrpura e submergi na segunda noite a lã sem cardar e saturei na terceira a lã preparada, e os imperadores das ilhas ainda se disputam essa roupa sangrenta. Assim pequei nos anos da juventude e transtornei as verdadeiras cores das criaturas. O Anjo dizia-me que os carneiros não eram da cor dos tigres, Satã dizia-me que o Poderoso queria que o fossem e se valia de minha astúcia e de minha púrpura. Agora sei que o Anjo e Satã erravam a verdade e que toda cor é abominável."*

No ano 146 da Hégira, Hakim desapareceu de sua pátria. Encontraram destruídas as caldeiras e cubas de imersão, assim como um alfanje de Xiraz e um espelho de bronze.

O TOURO

Ao final da lua de xabã no ano de 158, o ar do deserto estava muito claro e os homens olhavam o poente em busca da lua de ramadã, que

promove a mortificação e o jejum. Eram escravos, esmoleres, vendilhões, ladrões de camelo e açougueiros. Gravemente sentados na terra, aguardavam o sinal do portão de uma pousada de caravanas no caminho de Merv. Olhavam o ocaso, e a cor do ocaso era a da areia.

Do fundo do deserto vertiginoso (cujo sol produz a febre, assim como a lua produz o pasmo), viram adiantaram-se três figuras, que lhe pareciam altíssimas. Eram humanas as três, mas a do meio tinha cabeça de touro. Quando chegaram mais perto, viram que este usava máscara e os outros dois eram cegos.

Alguém (como nos contos das Mil e Uma Noites) indagou a razão dessa maravilha. "*Estão cegos*" – declarou o homem da máscara – "*porque viram meu rosto*".

O LEOPARDO

O cronista dos abássidas conta que o homem do deserto (cuja voz era singularmente doce, ou assim lhes pareceu por diferir da brutalidade de sua máscara) disse-lhes que estavam aguardando o signo de um mês de penitência, mas que ele pregava um signo superior: o de toda uma vida penitencia) e uma noite injuriada. Disse-lhes que era Hakim, filho de Osmã, e que no ano de 146 da Hégira havia penetrado um homem em sua casa e logo que se purificara, feitas as orações, havia cortado a cabeça dele, com um alfanje, e a levava até o céu. Sobre a mão direita do homem (que era o Anjo Gabriel) sua cabeça tinha estado ante o Senhor, que lhe deu a missão de profetizar, e lhe inculcou palavras tão antigas que sua repetição queimava as bocas, e lhe infundiu um glorioso esplendor, que os olhos mortais não toleravam. Tal era a justificativa da Máscara. Quando todos os homens da terra professassem a nova lei, o Rosto lhes seria descoberto, e eles poderiam adorá-lo sem risco – como os anjos já o adoravam. Proclamada sua comissão, Hakim exortou-os a uma guerra santa – um *djehad* – e a seu conveniente martírio.

Os escravos, mendigos, pequenos negociantes, ladrões de camelos e açougueiros negaram-lhe sua fé: uma voz gritou bruxo e outra, *impostor*.

Alguém havia trazido um leopardo – talvez um exemplar dessa raça esbelta e sangrenta que os monteiros persas amestram. O certo é que rompeu

sua prisão. Salvos o profeta mascarado e os dois acólitos, as pessoas atropelaram-se para fugir. Quando voltaram, a fera havia cegado. Ante os olhos luminosos e mortos, os homens adoraram Hakim e confessaram sua virtude sobrenatural.

O PROFETA VELADO

O historiador oficial dos abássidas narra sem maior entusiasmo os progressos de Hakim, o Velado, no Kurassan. Essa província – muito comovida pela desventura e crucificação de seu mais famoso chefe – abraçou com desesperado fervor a doutrina do Rosto Resplandecente e lhe tributava seu sangue e seu ouro. (Hakim, já então, descartou sua efígie brutal por um quádruplo véu de seda branca, recamado de pedras. A cor emblemática dos Banu Abbás era o negro; Hakim escolheu a cor branca – a mais contraditória – para o Véu Resguardados, os pendões e os turbantes.) A campanha iniciou-se bem. É verdade que no *Livro da Precisão* as bandeiras do Califa são em todo lugar vitoriosas, mas como o resultado mais freqüente dessas vitórias é a destituição de generais e o abandono de castelos inexpugnáveis, o avisado leitor sabe a que se ater. Ao final da lua de rejeb do ano 161, a famosa cidade de Nixapur abriu suas portas de metal ao Mascarado; em princípios de 162, a de Astarabad. A atuação militar de Hakim (como a de outro mais venturoso Profeta) reduziu-se à prece em voz de tenor, mas elevada à divindade do alto dorso de um camelo avermelhado, no coração agitado das batalhas. A seu redor silvavam as flechas, sem que jamais o ferissem. Parecia procurar o perigo: na noite que uns detestáveis leprosos rondaram seu palácio, ordenou-lhes comparecer a sua presença, beijou-os e lhes ofereceu prata e ouro.

Delegava as fadigas do governo a seis ou sete adeptos. Era estudioso da meditação e da paz: um harém de 114 mulheres cegas tratava de aplacar as necessidades de seu corpo divino.

OS ESPELHOS ABOMINÁVEIS

Sempre que suas palavras não invalidem a fé ortodoxa, o Islã tolera a aparição de amigos confidenciais de Deus, por indiscretos ou ameaçadores que sejam. O Profeta, talvez, não tivesse desprezado os favores desse

desdém, mas seus partidários, suas vitórias e a cólera pública do Califa – que era Mohamed Al Mahdi – obrigaram-no à heresia. Essa dissensão o arruinou, mas antes o fez definir os artigos de uma religião pessoal, se bem que com evidentes infiltrações das pré-histórias gnósticas.

No princípio da cosmogonia de Hakim, há um Deus spectral. Essa divindade carece majestosamente de origem, assim como de nome e rosto. É um Deus imutável, mas sua imagem projetou nove sombras que, condescendo à ação, dotaram e presidiram um primeiro céu. Dessa primeira coroa demiúrgica procedeu uma segunda, também com anjos, potestades e tronos, e estes fundaram outro céu mais baixo, que era a réplica exata do inicial. Esse segundo conclave viu-se reproduzido em um terceiro, e esse em outro inferior, e assim até 999. O senhor do céu do fundo é o que nos rege – sombra de sombras de outras sombras – e sua fração de divindade tende a zero.

A terra em que habitamos é um erro, uma incompetente paródia. Os espelhos e a paternidade são abomináveis, porque a multiplicam e afirmam. O asco é a virtude fundamental. Duas disciplinas (cuja escolha deixava livre o profeta) podem conduzir-nos a ela: a abstinência e o excesso, a luxúria ou a castidade.

O paraíso e o inferno de Hakim não eram menos desesperados. *"Aos que negam a Palavra, aos que negam o Véu Incrustado e o Rosto (diz uma imprecisão que se conserva da Rosa Escondida) prometo um Inferno maravilhoso, porque cada um deles reinará sobre 999 impérios de fogo, e em cada império 999 montes de fogo, e em cada monte 999 torres de fogo, e em cada torre 999 soalhos de fogo, e em cada andar 999 leitos de fogo, e em cada leito estará ele e 999 formas de fogo (que terão seu rosto e sua voz) o torturarão para sempre." Em outro lugar corrobora: "Aqui na vida padeceis em um corpo; na morte e na Retribuição, em inumeráveis". O paraíso é menos concreto. "Sempre é noite e há pilares de pedra, e a felicidade desse paraíso é a felicidade peculiar das despedidas, da renúncia e dos que sabem que dormem."*

O ROSTO

No ano 163 da Hégira e quinto do Rosto Resplandecente, Hakim foi cercado em Sanã pelo exército do Califa. Provisões e mártires não faltavam,

e se aguardava o iminente socorro de uma caterva de anjos da luz. Nisso estavam, quando um espantoso rumor atravessou o castelo. Contava-se que uma mulher adúltera do harém, ao ser estrangulada pelos eunucos, havia gritado que à mão direita do Profeta faltava o dedo anular e que careciam de unhas os outros. O rumor espalhou-se entre os fiéis. Em pleno sol, de um elevado terraço, Hakim pedia uma vitória ou um sinal à divindade familiar. Com a cabeça baixa, servil – como se corressem contra a chuva –, dois capitães lhe arrancaram o Véu recamado de pedras.

Primeiro houve um calafrio. O prometido rosto do Apóstolo, o rosto que havia estado nos céus, era de fato branco, mas da brancura peculiar à lepra manchada. Era tão volumoso ou inacreditável que parecia uma máscara. Não tinha sobrancelhas; a pálpebra inferior do olho direito pendia sobre a bochecha senil; uma pesada cepa de tubérculos comia-lhe os lábios; o nariz inumano e achatado como de um leão.

A voz de Hakim ensaiou uma mentira final. *"Vosso pecado abominável vos proíbe de perceber meu esplendor..."*, começou a dizer.

Não o escutaram e atravessaram-no com as lanças.

HOMEM DA ESQUINA ROSADA

Logo para mim, falar do finado Francisco Real. Cheguei a conhecê-lo, embora não fosse deste bairro – seus domínios eram mais para o Norte, pelos lados da laguna de Guadalupe e da Bateria. Estive com ele não mais de três vezes, e todas numa única noite, mas é noite que não esquecerei: foi quando a Lujanera veio, sem mais, dormir em meu rancho, e Rosendo Juárez deixou o Arrogo para não voltar. Claro que lhes falta a devida experiência para reconhecer esse nome, mas Rosendo Juárez, o Batedor, era dos que falavam mais alto em Villa Santa Rita. Rapaz afamado por ser bom na faca, era um dos homens de Dom Nicolás Paredes, que era homem de Morel. Costumava aparecer muito alinhado nos bordéis, num cavalo escuro enfeitado de prata. Homens e cachorros o respeitavam e também as chinas; ninguém ignorava que matara dois; usava chapéu alto, de aba estreita, sobre a cabeleira oleosa. Como se costuma dizer, a sorte o tratava bem. Nós, os rapazes da Villa, o imitávamos até no modo de cuspir. Entretanto, uma noite revelou para nós a verdadeira condição de Rosendo.

Parece fantasia, mas a história dessa estranha noite começou com uma soberba jardineira de rodas vermelhas, carregada de homens, aos trancos por esses becos de barro duro, entre fornos de tijolos e buracos, com dois deles de preto tocando guitarra e fazendo barulho, e o outro na boléia a fustigar os cachorros soltos que atrapalhavam o tordilho, e mais um sujeito de poncho, silencioso no meio, e esse era o tão famoso Curraleiro, que ia brigar e matar. A noite era uma bênção de tão fresca. Dois deles iam sobre a capota arriada, como se a solidão fosse um corso. Esse foi o primeiro acontecimento dos tantos que houve, mas só depois ficamos sabendo. Nós, os rapazes, estávamos desde cedo no salão de Júlia, um galpão com telhas de zinco, entre a estrada de Gauna e o arroio Maldonado. Era um lugar que se podia ver de longe, graças à luz que o desavergonhado lampião espalhava ao redor e também pelo barulho. Júlia, embora de cor humilde, era consciente e formal, tanto que não faltavam músicos nem boa bebida nem companheiras resistentes para o baile. Mas a Lujanera, que era a mulher de Rosendo, ganhava longe de todas. Ela morreu, senhor, e digo que passo anos sem pensar nela, mas precisava vê-la naqueles bons tempos. Ninguém se cansava de olhar para a Lujanera.

A bebida, a milonga, o mulherio, um palavrão condescendente da boca de Rosendo, uma palmada dele em meu queixo, que eu tentava interpretar como amizade – a verdade e que me sentia feliz. Arrumei uma parceira que me acompanhava muito bem, como se adivinhasse minhas intenções. O tango fazia o que bem entendia conosco; estimulava-nos e perdia-nos e nos

botava em ordem e nos fazia reencontrar. Nessa diversão, os homens estavam como num sonho, quando de repente a música pareceu crescer: é que a ela já se misturava a música dos guitarristas do carro, cada vez mais próximo. Depois, a brisa que a trouxe levou-a para outro rumo, e voltei a dar atenção a meu corpo e ao de minha companheira e às conversas do baile. Mais tarde, bateram à porta com autoridade, uma batida e uma voz. Em seguida, um silêncio geral, um empurrão muito forte na porta e o homem já estava dentro. O homem se parecia com a voz.

Para nós, não era ainda Francisco Real, mas sim um sujeito alto, robusto, todo vestido de preto, com uma manta branco-amarelada jogada sobre o ombro. Lembro que tinha cara de índio, angulosa.

Ao abrir-se, a porta bateu em mim. Não mais que por atordoamento, atirei-me sobre o homem e apliquei-lhe na facha um murro com a esquerda, enquanto com a direita puxava a faca afiada que sempre trazia na cava do colete, junto ao sovaco esquerdo. Ia durar pouco minha precipitação. O homem, para se firmar, esticou os braços e me afastou, como que se despedindo de um estorvo. Deixou-me escondido atrás, ainda a mão em baixo do paletó, sobre a arma inútil. Continuou como o maioral. Seguiu sempre mais alto que qualquer um dos que ia desapartando, sempre como se não visse nada nem ninguém. Os primeiros – puro olhar italianado – abriram-se em leque, apressados. E no grupo seguinte o Inglês já o esperava e antes de sentir no ombro a mão do forasteiro, deitou-lhe com uma pranchada que tinha pronto. Foi só ver aquela pranchada e todos já se esfumaram. O salão tinha muitas varas de fundo, e o carregaram como um cristo, quase duma ponta a outra, com empurrões, vaias e cusparadas. Primeiro deram-lhe socos, depois, vendo que não se defendia dos golpes, só tapas com a mão aberta ou com a franja inofensiva da manta, como se estivessem rindo dele ou o reservando para Rosendo, que não se mexera da parede do fundo, onde estava encostado, quieto. Fumava com pressa seu cigarro, como se entendesse o que depois fomos ver claramente. O Curraleiro foi empurrado até ele, firme e ensangüentado, envolvido na assuada da ralé estúpida. Vaiado, chicoteado, cuspidado, só abriu a boca quando se defrontou com Rosendo. Então olhou para ele, limpou o rosto com o antebraço e disse o seguinte:

– Eu sou Francisco Real, um homem do Norte. Eu sou Francisco Real, que chamam de Curraleiro. Permitti a esses infelizes que me botassem a mão porque o que estou procurando é um homem. Andam por aí uns boateiros dizendo que por estes descampados existe um sujeito com fama de ser bom

na faca e de ser durão, um tal Batedor. Quero me encontrar com ele para que me ensine, a mim que não sou ninguém, o que é um homem corajoso.

Disse isso e não tirou os olhos do outro. Na mão direita agora já reluzia uma faca que com certeza tinha trazido na manga. Em volta, os que o haviam empurrado foram abrindo caminho e todos nós olhávamos para os dois, num grande silêncio. Até os beijos do mulato cego que tocava violino também se abriram.

Nisso, ouço que se mexem lá atrás e vejo na soleira da porta seis ou sete homens, que deviam ser capangas do Curraleiro. O mais velho, um homem com ar de camponês, curtido, de bigode grisalho, adiantou-se e, deslumbrado com tanto mulherio e tanta luz, descobriu-se com respeito. Os outros vigiavam, prontos para entrar em ação se o jogo não fosse limpo.

Que é que acontecia com Rosendo que não expulsava a pontapés aquele fanfarrão? Continuava calado, sem levantar os olhos. Não sei se cuspiu o cigarro ou se o deixou cair da boca. Por fim, conseguiu balbuciar algumas palavras, mas tão baixo que nada escutamos na outra ponta do salão. Francisco Real tornou a desafiá-lo e ele continuou a negar-se. Então, o mais jovem dos forasteiros assobiou. A Lujanera olhou para ele com desprezo e foi andando, com a cabeleira solta nas costas, entre homens e chinas. Chegou-se a seu homem, pôs-lhe a mão no peito, tirou a faca desembainhada e deu-a a ele com estas palavras:

– Rosendo, acho que estás precisando disto.

Na altura do teto havia uma espécie de janela comprida que dava para o arroio. Com as duas mãos, Rosendo recebeu a faca e a encarou como se não reconhecesse. Jogou-se de repente para trás e a faca voou direto e perdeu-se lá fora, no Maldonado. Senti uma espécie de frio.

– Não te meto a faca de nojo – disse o outro, e levantou a mão para castigá-lo. Então a Lujanera agarrou-se nele, passou-lhe os braços pelo pescoço, olhou-o com aqueles olhos e disse com raiva:

– Deixa esse aí que fez a gente pensar que era homem.

Francisco Real ficou confuso por um momento e depois abraçou a mulher, como se fosse para sempre, e ordenou aos músicos que tocassem tango e milonga e aos outros da festa que dançassemos. A milonga correu

como incêndio de ponta a ponta. Real dançava muito grave, mas sem nenhum brilho, já dono daquela mulher. Chegaram até a porta e ele gritou:

– Abram cancha, gente, que eu a levo meio dormindo.

Disse isso e saíram de rostos colados, no rodopio do tango, como se os deixasse perdidos o tango.

Devo ter ficado vermelho de vergonha. Dei umas voltinhas com uma das mulheres e larguei-a de repente. Disse que era por causa do calor e do aperto e fui ladeando a parede até sair. Noite linda – para quem? Na curva do beco estava a jardineira, e as duas guitarras empertigadas no assento, como cristãos. Fiquei chateado de ver que descuidavam delas dessa forma, como se a gente não servisse nem para tomar conta das guitarras mais ordinárias. Fiquei com raiva ao perceber que não éramos ninguém. Atirei numa poça o cravo que tinha na orelha e fiquei algum tempo olhando para ele, para não pensar em mais nada. Quisera estar duma vez no dia seguinte, queria sair dessa noite. Nisso me deram uma cotovelada que foi quase um alívio. Era Rosendo, escapulindo do bairro, sozinho.

– Você está sempre atrapalhando, idiota – resmungou ao passar, não sei se querendo desabafar ou se alheio a tudo. Tomou o lado mais escuro, o do Maldonado; não tornei mais a vê-lo.

Fiquei olhando para coisas da vida inteira – céu de nunca acabar, o arroio teimoso lá embaixo, um cavalo adormecido, – beco de terra batida, os fornos – e pensei que eu era não mais que qualquer capim daquelas bandas, criado entre flores de brejo e ossadas. Que poderia sair daquele lixo além de nós, gritalhões mas covardes para o castigo, conversadores e impulsivos, não mais que isso? Senti depois que não; quanto mais apanha, mais o bairro tem obrigação de ser valentão. Lixo? A milonga continuava endoidecendo e aturdindo pelas casas, e trazia cheiro de madressilvas o vento. Noite inutilmente linda. Era tanta estrela que a gente ficava zozzo só de olhar, umas sobre as outras. Eu me esforçava em pensar que o assunto não me dizia respeito, mas a covardia de Rosendo e a coragem insuportável do forasteiro não me deixavam sossegado. Até uma mulher o homem alto tinha arrumado para aquela noite. Para essa e para muitas outras, pensei, e talvez para todas, porque a Lujanera era coisa séria. Sabe Deus que lado tomaram. Mas muito longe não deviam estar. Talvez os dois já estivessem até se amassando por aí em qualquer sarjeta.

Quando consegui voltar, o baile continuava como se nada tivesse ocorrido.

Disfarçadamente me enfiei no meio do pessoal e vi que alguns dos nossos tinham debandado e que os do Norte tanguavam junto com os outros. Cotovelaços e empurrões não havia, mas sim receio e decência. A música parecia sonolenta, as mulheres que tanguavam com os do Norte não abriam a boca.

Eu esperava alguma coisa, mas não o que aconteceu.

Lá fora, ouvimos uma mulher que chorava e depois a voz que já conhecíamos, mas serena, quase serena demais, como se já não fosse a voz de ninguém, dizendo para ela:

– Entra, filha. – E o choro continuou. Depois, como se começasse a desesperar-se, a voz prosseguiu:

– Abre, estou dizendo, abre, sua nojenta, abre, sua cadela! – Aí a trêmula porta se abriu e a Lujanera entrou, sozinha. Entrou mandada, como se alguém a viesse empurrando.

– Está sendo mandada por uma assombração – disse o inglês.

– Por um morto, amigo – disse então o Curraleiro. O rosto parecia o de um bêbado. Entrou e na cancha que lhe abrimos todos nós deu, como antes, alguns passos titubeantes – erguido, sem ver – e desabou feito poste. Um dos que tinham vindo com ele deitou-o de costas e ajeitou o pequeno poncho como travesseiro. Essas ajudas encheram o homem de sangue. Vimos então que tinha uma enorme ferida no peito; o sangue o encharcava e enegrecia um lenço vermelho que antes eu não havia notado porque estava coberto pela manta. Para um primeiro curativo, uma das mulheres trouxe aguardente e uns panos queimados. O homem não estava para dar explicações. A Lujanera o olhava como se estivesse perdida, com os braços caídos. Todos a interrogavam em silêncio e, por fim, ela conseguiu falar. Disse que depois de sair com o Curraleiro foram a um pequeno campo e nisso surge um desconhecido que o desafia como um desesperado a brigar e lhe dá aquela punhalada, e ela jura que não sabe quem é e que não é o Rosendo. Quem ia acreditar nela?

O homem morria a nossos pés. Pensei que o pulso de quem o liquidou não tinha tremido. Mas o homem era duro. Quando caiu, Júlia estava

cevando mate e a cuia deu uma volta inteira e chegou a minha mão antes que ele morresse. "Cubram meu rosto", disse devagar, quando não pôde mais. Só lhe restava o orgulho e não podia permitir que bisbilhotassem as marcas da agonia. Alguém pôs em cima dele o chapéu preto, de copa altíssima. Morreu debaixo do chapéu, sem nenhuma queixa. Quando o peito estendido deixou de subir e descer, o pessoal se animou a descobri-lo. Tinha aquele ar cansado dos defuntos; era um dos homens de maior coragem que houve naquele tempo, da Bateria até o Sul; quando o vi morto e sem fala, perdi meu ódio.

– Para morrer não se precisa mais que estar vivo – disse uma das mulheres do grupo.

– Tanta soberba e agora só serve para juntar moscas – falou outra, pensativa.

Então os do Norte começaram a conversar baixinho entre eles e depois dois repetiram alto, ao mesmo tempo:

– Foi a mulher que o matou.

Um dos homens perguntou, cara a cara, se não tinha sido ela, e todos a cercaram. Eu me esqueci de que devia ser prudente e fui para junto deles como um raio. De afobado, quase desembainhei a faca. Senti que muitos me olhavam, para não dizer todos eles. Zombando, falei:

– Olhem as mãos desta mulher: que pulso ou que coração pode ter ela para cravar uma punhalada?

Acrescentei, com jeito aparentemente entediado do valentão:

– Quem podia imaginar que o falecido, que dizem ter sido bravo em sua terra, fosse acabar dum jeito tão bruto e num lugar totalmente morto como este, onde nada acontece, a não ser quando aparece por aqui algum sujeito de fora para distrair a gente e que depois serve apenas para a gente cuspir em cima?

O corpo não pediu surra a ninguém.

Nisso começou a crescer na solidão um barulho de cavalos. Era a polícia. Uns mais e outros menos, todos teriam suas razões para não querer nada com ela, pois decidiram que o melhor era jogar o morto no arroio. Vocês devem estar lembrados da janela comprida pela qual passou o punhal,

brilhando. Foi por aí que passou depois o homem de preto. Ergueram-no, e de quantos centavos e miudezas tinha o aliviaram essas mãos, e alguém lhe decepou um dedo para deslizar o anel. Aproveitadores, senhores, que assim criavam coragem diante de um pobre defunto indefeso, depois que alguém mais homem o liquidou. Um empurrão e a água rápida e teimosa o levou. Para que não boiasse, não sei se lhe arrancaram as vísceras, pois preferi não olhar. O sujeito de bigode grisalho não me tirava os olhos. A Lujanera aproveitou a confusão para sair.

Quando os da lei fizeram o serviço, o baile andava meio animado. O cego do violino sabia tocar umas habaneras das que já não se ouvem mais. Lá fora estava querendo clarear. Um estacas de nandubay sobre uma colina pareciam soltas, pois o arame fininho da cerca não podia ser visto assim tão cedo.

Voltei tranqüilo para meu rancho, distante dali umas três quadras. Na janela brilhava uma luzinha, que se apagou logo em seguida. É claro que tive pressa em chegar, quando me dei conta daquilo. Então, Borges, tornei a sacar a faca curta e afiada que eu sempre trazia aqui, no colete, perto do sovaco esquerdo, e examinei-a mais uma vez, devagarinho, e ela estava como nova, inocente, e não restava nenhum pingo de sangue.

ETCÉTERA

A Néstor Ibarra

UM TEÓLOGO NA MORTE

Os anjos comunicaram-me que, quando faleceu Melanchton, foi-lhe fornecida no outro mundo uma casa ilusoriamente igual à que havia ocupado na terra. (A quase todos recém-vindos à Eternidade sucede o mesmo e por isso acreditam não terem morrido.) Os objetos domésticos eram iguais; a mesa, a escrivaninha com suas gavetas, a biblioteca. Quando Melanchton despertou nesse domicílio, retornou a suas tarefas literárias como se não fosse um cadáver, e escreveu durante alguns dias sobre a justificativa pela fé. Como era seu costume, não disse palavra sobre a caridade. Os anjos notaram essa omissão e mandaram algumas pessoas interrogarem-no. Melanchton declarou: "já demonstrei irrefutavelmente que a alma pode prescindir da caridade e que para ingressar no céu basta ter fé". Essas coisas dizia-lhes com soberba e não sabia que já estava morto e que seu lugar não era o céu. Quando os anjos ouviram esse discurso, abandonaram-no.

Poucas semanas depois, os móveis começaram a afantasmarse até se tornarem invisíveis, salvo a poltrona, a mesa, as folhas de papel e o tinteiro.

Além disso, as paredes do aposento mancharam-se de cal e o assoalho de um verniz amarelo. Sua própria roupa já estava muito mais ordinária. Contudo, ele continuava escrevendo, mas, como persistia na negação da caridade, trasladaram-no para uma oficina subterrânea onde havia outros teólogos como ele. Aí esteve alguns dias encarcerado e começou a duvidar de sua tese; permitiram-lhe voltar. Sua roupa era de couro sem curtir, mas tentou imaginar que os fatos anteriores haviam sido mera alucinação e continuou elevando a fé e denegrindo a caridade. Num entardecer sentiu frio. Então percorreu a casa e percebeu que os demais aposentos já não correspondiam aos de sua moradia na terra. Um estava repleto de instrumentos desconhecidos; outro tinha diminuído tanto que era impossível entrar nele; outro não tinha mudado, mas as janelas e portas davam para grandes dunas. O cômodo dos fundos estava cheio de pessoas que o adoravam e que lhe repetiam que nenhum teólogo era tão sábio como ele. Essa adoração agradou-lhe, mas como algumas dessas pessoas não tinham rosto e outras pareciam mortas, acabou se aborrecendo e desconfiando delas. Então determinou-se escrever um elogio da caridade, mas as páginas escritas hoje apareciam amanhã apagadas. Isso lhe aconteceu porque as compunha sem convicção.

Recebia muitas visitas de gente recém-morta, porém tinha vergonha de se mostrar num alojamento tão sórdido. Para fazê-las crer que estava no céu, combinou com um bruxo do cômodo dos fundos, e este as enganava com simulacros de esplendor e serenidade. Apenas as visitas se retiravam, reapareciam a pobreza e a cal, e às vezes um pouco antes.

As últimas notícias de Melanchton dizem que o mago e um dos homens sem rosto levaram-no até as dunas e que agora é como se fosse criado dos demônios.

(Do livro *Arcana Coelestia*, de Emanuel Swedenborg.)

A CÂMARA DAS ESTÁTUAS

Nos primeiros dias, havia no reino dos andaluzes uma cidade na qual residiam seus reis e que tinha por nome Lebtit ou Ceuta, ou Jaén. Existia um forte castelo nessa cidade, cuja porta de dois batentes não era para se entrar nem sair, mas para se manter fechada. Cada vez que um rei falecia e outro rei herdava seu trono altíssimo, este adicionava com suas próprias mãos uma fechadura nova à porta, até que foram vinte e quatro fechaduras, uma para cada rei. Então aconteceu que um homem malvado, que não era da casa real, tomou o poder e, em lugar de adicionar uma fechadura a mais, quis que as vinte e quatro anteriores fossem abertas para ver o que continha aquele castelo. O vizir e os emires suplicaram-lhe que não fizesse tal coisa, e esconderam-lhe o chaveiro, e lhe disseram que adicionar uma fechadura era mais fácil do que forçar vinte e quatro, mas ele repetia com astúcia maravilhosa: "Quero examinar o conteúdo desse castelo". Então lhe ofereceram quantas riquezas puderam acumular em rebanhos, em ídolos cristãos, em prata e ouro, porém ele não quis desistir e abriu a porta com sua mão direita (que arderá para sempre). Dentro estavam desenhados os árabes em metal e madeira, sobre seus rápidos camelos e potros, com turbantes que ondeavam sobre as espáduas e os alfanjes suspensos por talabartes e a direita lança na destra. Todas essas figuras eram em relevo e projetavam sombras no soalho, e um cego as podia reconhecer apenas pelo tato, e as patas dianteiras dos cavalos não tocavam o solo e não caíam como se houvessem empinado. Grande espanto causaram ao rei essas primorosas figuras, e ainda mais a ordem e o silêncio excelentes que se observavam nelas, porque olhavam para um só lado, que era o poente, e não se ouvia nem uma voz nem um clarim. Isso havia na primeira sala do castelo. Na segunda, estava a mesa de Solimã, filho de Davi – seja a salvação para ambos! –, talhada numa única pedra-esmeralda, cuja cor, como se sabe, é o verde, e cujas propriedades escondidas são indescritíveis e autênticas, porque serena

as tempestades, mantém a castidade de seu portador, afugenta a disenteria e os maus espíritos, decide favoravelmente um litígio e é de grande socorro nos partos.

Na terceira, encontraram dois livros: um era negro e ensinava as virtudes dos metais, dos talismãs e dos dias, assim como a preparação de venenos e contravenenos; outro era branco e não se pôde decifrar seus ensinamentos, embora a escrita fosse clara. Na quarta, encontraram um mapa-múndi, onde estavam os reinos, as cidades, os mares, os castelos e os perigos, cada qual com seu nome verdadeiro e com sua precisa figura.

Na quinta, encontraram um espelho de forma circular, obra de Solimã, filho de Davi – seja a salvação para ambos! –, cujo preço era muito elevado, pois era feito de diversos metais e aquele que olhasse em seu cristal via o rosto de seus pais e de seus filhos, desde o primeiro Adão até os que ouvirão a Trombeta. A sexta estava cheia de elixir do qual bastava um único adarme para transmutar três mil onças de prata em três mil onças de ouro. A sétima lhe pareceu vazia e era tão vasta que o mais hábil dos arqueiros teria disparado uma flecha da porta sem conseguir cravá-la no fundo. Na parede final, viram gravada uma inscrição terrível. O rei examinou-a e a compreendeu, e dizia desta forma: "Se alguma mão abrir a porta deste castelo, os guerreiros de carne que se parecem aos guerreiros de metal da entrada tomarão o Reino".

Essas coisas aconteceram no ano oitenta e nove da Hégira. Antes do final desse ano, Táric apoderou-se dessa fortaleza e derrotou esse rei e vendeu suas mulheres e seus filhos e assolou suas terras. Assim foram se expandindo os árabes pelo reino da Andaluzia, com suas figueiras e seus campos regados em que não se sofre de sede. Quanto aos tesouros, conta-se que Táric, filho de Zaíde, remeteu-os ao califa seu senhor, que os guardou em uma pirâmide.

(Do Livro das *Mil e Uma Noites*, noite 272)

HISTÓRIA DOS DOIS QUE SONHARAM

O historiador arábico El Ixaqui narra este acontecimento:

"Contam os homens dignos de fé (porém só Alá é onisciente e poderoso e misericordioso e não dorme) que houve no Cairo um homem possuidor de riquezas, porém tão magnânimo e liberal que as perdeu todas, menos a casa de seu pai, e que se viu forçado a trabalhar para ganhar o pão. Trabalhou tanto que o sono o rendeu certa noite debaixo de uma figueira de seu jardim, e viu no sono um homem encharcado que tirou uma moeda de ouro da boca e disse: "Tua fortuna está na Pérsia, em Isfarrã; vai buscá-la". De madrugada, acordou, empreendeu a longa viagem e enfrentou os perigos dos desertos, das naus, dos piratas, dos idólatras, dos rios, das feras e dos homens. Chegou por fim a Isfarrã, mas no recinto dessa cidade a noite o surpreendeu, e ele parou para dormir no pátio de uma mesquita. Havia, junto à mesquita, uma casa, e por decreto de Deus Todo-Poderoso, uma quadrilha de ladrões atravessou a mesquita e se meteu na casa, e as pessoas que dormiam acordaram com o barulho dos ladrões e pediram socorro. Os vizinhos também gritaram, até que o capitão dos vigias daquele distrito acudiu com seus homens, e os bandidos fugiram pelo terraço. O capitão fez revistar a mesquita, e nela deram com o homem do Cairo e lhe infringiram tantos e tais açoites com varas de bambu que ele esteve perto da morte. No segundo dia, recobrou os sentidos no cárcere. O capitão mandou buscá-lo e disse: "Quem és, e qual a tua pátria?" O outro declarou: "Sou da cidade famosa do Cairo e meu nome é Mohamed El Magrebi". O capitão perguntou: "O que te trouxe à Pérsia?" O outro optou pela verdade e lhe disse: "Um homem ordenou-me, em sonho, que viesse a Isfarrã, porque aí estava minha fortuna. Já estou em Isfarrã e vejo que essa fortuna prometida devem ser os açoites que tão generosamente me deste".

"Ante semelhantes palavras, o capitão riu até mostrar os dentes do siso e acabou por lhe dizer: "Homem desatinado e crédulo, três vezes sonhei eu com uma casa na cidade do Cairo, em cujo fundo há um jardim, e no jardim um relógio de sol e depois do relógio de sol, uma figueira, e após a figueira uma fonte, e sob a fonte um tesouro. Não dei o menor crédito a essa mentira. Tu, no entanto, produto de mula com qualquer demônio, tens errado de

cidade em cidade, na fé única de teu sonho. Que eu não volte a te ver em Isfarrã. Toma estas moedas e vai-te".

"O homem pegou-as e regressou à pátria. Debaixo da fonte de seu jardim (que era a do sonho do capitão) desenterrou o tesouro. Assim Deus lhe deu bênçãos e o recompensou e o exaltou. Deus é o Generoso, o Oculto."

(Do Livro das *Mil e Uma Noites*, noite 351)

O BRUXO PRETERIDO

Em Santiago, havia um deão que cobiçava aprender a arte da magia. Ouviu dizer que Dom Illán, de Toledo, conhecia-a mais do que ninguém, e foi a Toledo procurá-lo.

No mesmo dia em que chegou, dirigiu-se à casa de Dom Illán e o encontrou lendo em um cômodo afastado. Este o recebeu com bondade e lhe pediu que adiasse o motivo de sua visita até depois de comerem. Mostrou-lhe o alojamento fresco e disse que sua vinda o alegrava muito. Depois de comer, o deão contou a razão daquela visita e rogou que lhe ensinasse a ciência mágica. Dom Illán disse que adivinhava ser ele deão, homem de boa situação e belo futuro, por quem temia ser logo esquecido. O deão prometeu e assegurou que amais esqueceria aquela mercê, e estaria sempre às suas ordens. Resolvido o assunto, explicou Dom Illán que as artes mágicas não se podiam aprender senão em lugar apartado, e tomando-o pela mão levou-o a um quarto contíguo, em cujo soalho havia uma grande argola de ferro. Disse antes à criada que preparasse perdizes para o jantar, porém que não as pusesse para assar senão quando lhe ordenassem. Juntos levantaram a argola e desceram por uma escada de pedra bem lavrada, até que ao deão pareceu terem descido tanto que o leito do Tejo estava sobre eles. Ao pé da escada havia uma cela e depois uma biblioteca e depois uma espécie de gabinete com instrumentos mágicos. Examinavam os livros, e nisso estavam quando

entraram dois homens com uma carta para o deão, escrita pelo bispo seu tio, na qual lhe fazia saber que estava muito doente e que, se quisesse encontrá-lo vivo, não demorasse. Ao deão contrariaram muito essas novas, primeiro pela enfermidade do tio, depois por ser obrigado a interromper os estudos. Optou por escrever uma desculpa e mandou-a ao bispo. Três dias depois, chegaram alguns homens de luto com outras cartas para o deão, nas quais se lia ter o bispo falecido, que estavam elegendo o sucessor e esperavam, com a graça de Deus, que fosse ele o eleito. Diziam também que não se incomodasse em voltar, posto que parecia muito melhor que o elegessem em sua ausência.

Passados dez dias, vieram dois escudeiros muito bem vestidos, que se atiraram a seus pés, beijaram-lhe as mãos e o saudaram como bispo. Quando Dom Illán viu essas coisas, dirigiu-se com muita alegria ao novo prelado e lhe disse que agradecia ao Senhor que tão boas novas chegassem a sua casa. Depois pediu-lhe o decanato vacante para um de seus filhos. O bispo fez-lhe saber que havia reservado o decanato para seu próprio irmão, mas que sempre havia determinado favorecê-lo, e que partissem juntos para Santiago.

Foram para Santiago os três, onde os receberam com honrarias. Seis meses depois, recebeu o bispo enviados do Papa que lhe oferecia o Arcebispado de Tolosa, deixando em suas mãos a nomeação do sucessor. Quando Dom Illán soube disso, recordou-lhe a antiga promessa e pediu-lhe o título para seu filho. O arcebispo fez-lhe saber que o havia reservado para seu próprio tio, irmão de seu pai, mas que havia determinado favorecê-lo, e que partissem juntos para Tolosa. Dom Illán não teve outro remédio senão concordar.

Foram para Tolosa os três, onde os receberam com honrarias e missas. Dois anos depois, recebeu o arcebispo enviados do Papa que lhe oferecia o capelo de Cardeal, deixando em suas mãos a nomeação do sucessor. Quando Dom Illán soube disso, recordou-lhe a antiga promessa e pediu-lhe esse título para seu filho. O Cardeal fez-lhe saber que havia reservado o arcebispado para seu próprio tio, irmão de sua mãe, mas que havia determinado favorecê-lo, e que partissem juntos para Roma. Dom Illán não teve outro remédio senão concordar. Foram para Roma os três, onde os receberam com honrarias, missas e procissões. Quatro anos depois, morria o Papa e nosso Cardeal foi eleito para o papado pelos demais. Quando Dom Illán soube disso, beijou os pés de Sua Santidade, recordou-lhe a antiga promessa e pediu-lhe o cardinalato para seu filho. O Papa ameaçou-o com o cárcere, dizendo-lhe que bem sabia ele que não era mais do que um bruxo e que em Toledo tinha sido professor de artes mágicas. O miserável Dom Illán disse que voltaria à Espanha e lhe pediu alguma coisa para comer no caminho. O

Papa não aceitou. Foi quando Dom Illán (cujo rosto havia remojado de modo estranho) disse com uma voz sem tremor:

– Pois terei que comer sozinho as perdizes que para esta noite encomendei.

A criada apresentou-se a Dom Illán e este deu ordem para que a matasse. A essas palavras, o Papa se encontrou na cela subterrânea em Toledo, apenas deão de Santiago, e tão envergonhado de sua ingratidão que não atinava como desculpar-se. Dom Illán disse que bastava essa prova, negou-lhe sua parte nas perdizes e o acompanhou até a rua, onde lhe desejou feliz viagem e se despediu com grande cortesia.

(Do *Livro de Patrônio* do infante Dom Juan Manuel, que o derivou de um livro árabe: *As Quarenta Manhãs e As Quarenta Noites*.)

O ESPELHO DE TINTA

A história sabe que o mais cruel dos governadores do Sudão foi Iácub, o Doente, que entregou seu país à iniquidade dos arrecadadores egípcios e morreu em um aposento do palácio no décimo quarto dia da lua de barmarrat, no ano de 1842. Alguns insinuam que o feiticeiro Abderramen El Masmudi (cujo nome se pode traduzir por Servidor-do-Misericordioso) acabou com ele a punhal ou veneno, mas uma morte natural é mais verossímil – já que o chamavam o Doente. Contudo, o capitão Richard Francis Burton, que

conversou com esse feiticeiro no ano de 1853, conta o que lhe narrou, e eu transcrevo:

"É verdade que padeci cativo no alcáçar de Iácub, o Doente, por causa da conspiração que arquitetou meu irmão Ibraim, com o fementido e vão socorro dos chefes negros do Cordofão, que o denunciaram. Meu irmão pereceu pela espada, sobre a pele de sangue da justiça, porém eu me atirei aos detestáveis pés do Doente e lhe disse que era feiticeiro e que, se me concedesse a vida, mostrar-lhe-ia formas e aparências ainda mais maravilhosas que as do Fanussi khayal (a lanterna mágica). O opressor exigiu-me uma prova imediata. Pedi-lhe uma pena de vime, uma tesoura, uma grande folha de papel veneziano, um chifre de tinta, um braseiro, algumas sementes de coentro e uma onça de benjoim. Recortei a folha em seis tiras, escrevi talismãs e invocações nas cinco primeiras e, na restante, as seguintes palavras que estão no glorioso Quran: "Retiramos teu véu, e a visão de teus olhos é penetrante". Depois desenhei um quadro mágico na mão direita de Iácub e pedi-lhe que a fizesse funda e verti um círculo de tinta no meio. Perguntei-lhe se percebia com clareza seu reflexo no círculo, e respondeu que sim. Disse que não levantasse os olhos. Acendi o benjoim e o coentro, e queimei as invocações no braseiro. Pedi-lhe que declinasse a figura que desejava ver. Pensou e disse que um cavalo selvagem, o mais formoso que pastasse nos prados que bordejam o deserto. Olhou e viu o campo verde e tranqüilo e depois um cavalo que se aproximava, ágil como um leopardo, com uma estrela branca na testa. Pediu-me uma tropilha de cavalos tão perfeitos como o primeiro, e viu no horizonte uma alongada nuvem de poeira e em seguida a tropilha. Compreendi que minha vida estava segura.

"Apenas despontava a luz do dia, dois soldados entravam no cárcere e me conduziam ao aposento do Doente, onde já me esperavam o incenso, o braseiro e a tinta. Assim me foi exigido e fui mostrando a ele todas as aparências do mundo. Esse homem morto, que detesto, teve em suas mãos quanto os homens têm visto e vêem os que estão vivos: as cidades, climas e reinos em que se divide a terra, os tesouros ocultos no centro, as naves que atravessam o mar, os instrumentos de guerra, da música e da cirurgia, as graciosas mulheres, as estrelas fixas e os planetas, as cores que empregam os infiéis para pintar seus quadros detestáveis, os minerais e as plantas com os segredos e virtudes que encerram, os anjos de prata cujo alimento é o elogio e a justificativa do Senhor, a distribuição dos prêmios nas escolas, as estátuas de pássaros e de reis que existem no coração das pirâmides, a sombra projetada pelo touro que sustenta a terra e pelo peixe que está debaixo do touro, os desertos de Deus o Misericordioso. Viu coisas impossíveis de

descrever, como as ruas iluminadas a gás e a baleia que morre quando escuta o grito do homem. Uma vez me ordenou que lhe mostrasse a cidade que se chama Europa. Mostrei-lhe a principal de suas ruas e creio que foi nesse caudaloso rio de homens, todos vestidos de negro e muitos de óculos, que viu pela primeira vez o Mascarado.

"Essa figura, às vezes com o traje sudanês, às vezes de uniforme, mas sempre com um pano sobre o rosto, penetrou a partir daí nas visões. Não faltava nunca e jamais conjecturamos quem fosse. No entanto, as aparências do espelho de tinta, momentâneas ou imóveis a princípio, eram mais complexas agora; executavam sem demora minhas ordens e o tirano as obedecia com clareza. É certo que os dois costumávamos ficar extenuados. O caráter atroz das cenas era outra fonte de cansaço. Não eram senão castigos, cordas, mutilações, deleites de verdugo e de crueldade.

"Assim chegamos ao amanhecer do décimo quarto dia da lua de barmarrat. O círculo de tinta havia sido marcado na mão, o benjoim jogado no braseiro, as invocações queimadas. Estávamos a sós, os dois. O Doente disse-me que lhe mostrasse um inapelável e justo castigo, porque a seu coração, esse dia, apetecia ver uma morte. Mostrei-lhe os soldados com os tambores, a pele de bezerro esticada, as pessoas felizes por estarem olhando, o verdugo com a espada da justiça. Maravilhou-se ao ver isso e disse-me: "É Abu Kir o que justicou teu irmão Ibraim: aquele que encerrará teu destino, quando me seja concedida a ciência de convocar essas figuras sem tua ajuda". Pediu-me que trouxessem o condenado. Quando o trouxeram, perturbou-se, porque era o homem inexplicável do pano branco. Ordenou que, antes de matá-lo, tirassem-lhe a máscara. Atirei-me a seus pés e disse: "Ú rei do tempo e da substância, suma do século, essa figura não é como as demais, porque não sabemos seu nome nem o de seus pais nem o da cidade que é sua pátria, de modo que não me atrevo a tocá-la para não incorrer em uma culpa da qual terei de prestar contas". Riu-se o Doente e acabou por jurar que ele assumiria a culpa, se culpa houvesse. Jurou-o pela espada e pelo Quran. Então, ordenei que desnudassem o condenado e que o prendessem sobre a esticada pele de bezerro e que lhe arrancassem a máscara. Essas coisas foram feitas. Os espantados olhos de lácub puderam ver por fim esse rosto – que era o seu próprio. Cobriu-se de medo e de loucura. Segurei-lhe a destra trememente com a minha, que estava firme, e lhe ordenei que continuasse olhando a cerimônia de sua morte. Estava possuído pelo espelho: nem sequer tentou alçar os olhos ou derramar a tinta. Quando a espada abateu-se, na visão, sobre a cabeça culpada, gemeu com uma voz que não me apiedou, e caiu no chão, morto.

"A glória esteja com Aquele que não morre e que tem em sua mão as duas chaves do ilimitado Perdão e do infinito Castigo."

(Do livro *The Lake Regions of Equatorial Africa*, de R. E. Burton.)

UM DUPLO DE MAOMÉ

Já que na mente dos muçulmanos as idéias de Maomé e de religião estão indissolúvelmente ligadas, o Senhor ordenou que no Céu sempre os presida um espírito que faz o papel de Maomé. Esse delegado nem sempre é o mesmo. Um cidadão da Saxônia, a quem em vida aprisionaram os argelinos e que se converteu ao Islã, ocupou uma vez esse cargo. Como havia sido cristão, falou-lhes de Jesus e lhes disse que não era o filho de José, mas o filho de Deus; foi conveniente substituí-lo. A situação desse Maomé representativo está indicada por uma tocha, somente visível aos muçulmanos.

O verdadeiro Maomé que redigiu o Quran já não é visível a seus adeptos. Disseram-me que a princípio os presidia, mas que pretendeu dominá-los e foi exilado para o Sul. Uma comunidade de muçulmanos foi instigada pelos demônios a reconhecer Maomé como Deus. Para aplacar o distúrbio, Maomé foi trazido dos infernos e o exibiram. Nessa ocasião eu o vi. Parecia-se aos espíritos corpóreos que não têm percepção interior, e seu

rosto era muito escuro. Pôde articular as palavras "Eu sou o vosso Maomé", e imediatamente desapareceu.

(De *Vera Christiana Religio*, 1771, de Emanuel Swedenborg)

ÍNDICE DAS FONTES

O Atroz Redentor Lazarus Morell

- *Life on the Mississippi*, by Mark Twain. New York, 1883. Mark
- *Twain's America*, by Bernard Devoto. Boston, 1932.

O Impostor Inverossímil Tom Castro

- *The History of Piracy*, by Philip Gosse. London, Cambridge, 1911.

A Viúva Ching, Pirata

- *The History of Piracy*, by Philip Gosse. London, 1932.

O Provedor de Iniquidades Monk Eastman

- *The Gangs of New York*, by Herbert Asbury. New York, 1927.

O Assassino Desinteressado Bill Harrigan

- *A Century of Gunmen*, by Frederick Watson. London, 1931.
- *The Saga of Billy the Kid*, by Walter Noble Burns. New York, 1925.

O Incivil Mestre-de-Cerimônias Kotsuké no Suké

- *Tales of Old Japan*, by A. B. Mitford. London, 1912.

O Tintureiro Mascarado Hakim de Merv

- *A History of Persia*, by Sir Percy Sykes. London, 1915.
- *Die Vernichtung der Rose*. Nach dem arabischen Urtext übertragen von Alexander Schulz. Leipzig, 1927.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>